

O Papel da Expressão Motora em Educação Pré-Escolar e 1.º Ciclo do Ensino Básico no Desenvolvimento da Formação Pessoal e Social

Relatório de Estágio apresentado para obtenção do grau de Mestre em Educação Pré-Escolar e 1.º Ciclo do Ensino Básico

Tânia Filipa Alves Ribeiro

Orientador:

Professor Doutor António Mesquita Guimarães

2015, julho

Aos meus pais por toda a dedicação e amor incondicional.

Agradecimentos

Concluindo, assim, mais um momento importantíssimo da minha vida, particularmente a nível da minha formação enquanto pessoa e futura profissional, não poderia deixar de agradecer àqueles que estiveram presentes ao longo da minha formação académica. Confesso que foi um grande desafio e que não seria possível alcançá-lo, sem o incentivo, a colaboração e a dedicação de algumas pessoas.

Primeiramente, agradeço ao Professor António Mesquita Guimarães, orientador do presente relatório, pela disponibilidade, orientação e apoio no decorrer de todo este processo.

Agradeço, igualmente, às docentes supervisoras de estágio, nomeadamente, às docentes Maria João Cardona, Leonor Santos e Helena Luís, por todos os ensinamentos, pela forma como me orientaram e por terem acreditado sempre nas minhas capacidades.

Para além disso, uma palavra de agradecimento às educadoras e docente cooperante, pela maneira como me acolheram, a confiança que depositaram em mim e por todos os conselhos prestados.

A todas as crianças do estágio, com quem tive o prazer de trabalhar, contribuindo para a minha formação, um obrigado.

A todos aqueles que de uma forma direta ou indireta, tiveram sempre uma palavra de apoio, nomeadamente a Tatiana, a Patrícia, a Di, a Mariana, entre outros.

À Catarina Silva, minha amiga, agradeço por todos os momentos passados, cheios de emoções, mas acima de tudo, o respeito e a confiança que depositámos uma na outra.

Às minhas amigas não de sempre, mas para sempre Ana Rita Matos e Sónia Ferreira. As palavras que tenho não chegam para agradecer tudo aquilo que fizeram por mim. Sem vocês teria sido bem mais difícil. Obrigada pelo apoio incondicional e pela paciência que tiveram para comigo e pelo carinho demonstrado. O meu eterno agradecimento.

À Sara pela amizade incondicional, pelas palavras de apoio e por me fazer acreditar em mim. Obrigada por tudo.

Por fim, à minha família. Aos meus pais, por todo o amor incondicional, carinho e paciência. Sem vocês este percurso não seria possível. Obrigada pelos valores que me transmitiram ao longo desta vida.

Aos meus irmãos, Paulo e César e à minha Cunhada Joana, obrigada por todo o vosso apoio.

Aos meus sobrinhos, Leonardo, Martim, Maria e Santiago, pelas brincadeiras e carinho que me privei de vos oferecer aquando deste percurso.

Resumo

O presente relatório de estágio, inserido na Prática Supervisionada no âmbito do Mestrado em Educação Pré-Escolar e do 1.º Ciclo do Ensino Básico, teve como finalidade a execução de um estudo de modo a dar resposta a uma problemática – *Qual O Papel da Expressão Motora na Educação Pré-Escolar e no 1.º Ciclo do Ensino Básico no Desenvolvimento da Formação Pessoal e Social*.

Com a realização deste documento, pretendi não só realizar uma descrição reflexiva e fundamentada sobre todo o processo de estágio (observação, planificação, intervenção, avaliação e reflexão), bem como realizar um estudo de forma a conhecer e compreender quais são os contributos da Expressão Motora no desenvolvimento da criança em idade Pré-Escolar e idade Escolar (1.º Ciclo). Foi também minha intenção saber como é que esta área pode desenvolver competências essenciais e transversais, nomeadamente na área da Formação Pessoal e Social.

A prática baseou-se numa metodologia de investigação-ação, ao qual esteve presente a ação educativa, tendo em vista o desenvolvimento de competências ao nível da Expressão Motora, de forma a serem significativas para a aprendizagem de regras e valores sociais, assim como, para encontrar respostas às questões do estudo.

Em síntese, este estudo realça a importância da Expressão Motora no desenvolvimento de competências na área da Formação Pessoal e Social, sendo que o educador/professor tem um papel fundamental, fomentando a prática de atividade física nas crianças e, simultaneamente, desenvolvendo competências transversais a partir da mesma.

Palavras-Chave: Expressão Motora; Formação Pessoal e Social, Atividade Física; Regras e valores sociais.

Abstract

The present traineeship report was developed in the ambit of the Master's Degree in Pre-School Education and 1st Cycle of Basic Education. This is a study about the Importance of Motor Expression in Pre-School Education and 1st Cycle of Basic Teaching in the Personal and Social Development.

By doing this document, I intended not only to do a reflexive and founded description about all the stage process (observation, planning, intervention, evaluation and reflection), but also to do a study to know and understand which are the benefits of Motor Expression for the child development in Pre-school age and in school age (1st Cycle). It was also my intention to find out how this field can develop the essential and transversal competences in the field of Personal and Social Development.

This practice was based in a methodology of investigation-action, in which was present the educative action, with the aim to understand the development of competences in Motor Expression level, in a way to be significant to the rules and social values learning, such as to find answers to the investigation questions.

In synthesis, this study brings up the importance of Motor Expression in the competences development in Personal and Social Development area. The importance of the teacher in this field is crucial, fomenting the practice of physical activity with children and, at the same time, developing transversal competences from the same.

KeyWords: Motor Expression; Personal and Social Developmen; Physical activity; Social rules and values.

Índice

Agradecimentos	ii
Resumo.....	iii
Abstract	iv
Índice de Siglas	vii
Índice de Anexos	viii
Índice de Imagens e de Gráficos	ix
Introdução.....	1
Parte I – Os estágios de intervenção e autodiagnóstico	3
1. Caracterização dos contextos de estágio.....	3
1.1. Estágio em contexto Pré-Escolar.....	3
1.2. Estágio em contexto de 1.º Ciclo.....	14
1.3. Estágio em contexto de Creche.....	20
Parte II – Apresentação do trabalho de pesquisa	33
1. A Expressão Motora e Formação Pessoal e Social em contextos de Educação Pré-Escolar e do 1.º Ciclo do Ensino Básico	33
1.1. Problematização do estudo.....	33
2. Fundamentação teórica	34
2.1. A Expressão Motora e o Jogo em contexto Pré-Escolar.....	34
2.2. A Expressão e Educação Físico-Motora e o Jogo em contexto de 1.º Ciclo	35
2.3. A Formação Pessoal e Social em contexto Pré-Escolar e 1.º Ciclo	37
2.4. A Educação Física como área transversal do currículo	37
3. Metodologia de Estudo	39
3.1. Método de Investigação.....	39
4. Técnicas de recolha de dados	40
5. Projeto de intervenção.....	41
5.1. Em contexto de Pré-Escolar	41
5.2. Em contexto de 1.º Ciclo	45
6. Análise e discussão dos dados.....	49
6.1. Análise e discussão dos dados em contexto de Pré-Escolar	49
6.2. Análise e discussão dos dados em contexto de 1.º Ciclo	52
6.3. Opinião das Educadoras sobre <i>O Papel da Expressão Motora na Educação Pré-Escolar e 1.º Ciclo do Ensino Básico no Desenvolvimento da Formação Pessoal e Social</i>	54
Parte III – Reflexão Final.....	56
1. Considerações Finais.....	56

Referências Bibliográficas	59
Anexos	63

Índice de Siglas

AEC'S – Áreas de Enriquecimento Curricular

E. F. – Educação Física

IPSS – Instituição Particular da Segurança Social

J.I. – Jardim de Infância

ME/DEB – Ministério da Educação/Departamento de Educação Básica

OCEPE – Orientações Curriculares para a Educação Pré-escolar

OCPEB – Organização Curricular e Programas do Ensino Básico – 1.º Ciclo

Índice de Anexos

Anexo A – Grelhas de Observação das sessões de Expressão Motora

Anexo B – Guiões das Entrevistas

Anexo BB – Transcrições das Entrevistas

Anexo BC – Documento Comprovativo de validação das Entrevistas

Índice de Imagens e de Gráficos

Índice de Imagens

Imagem 1 – Sinais de trânsito

Imagem 2 – Atividade dos puzzles

Imagem 3 – Exame de condução de triciclo

Imagem 4 – Carta de condução de triciclo

Imagem 5 – Teatro de natal

Imagem 6 – Atividade sobre o livro “ Os Ovos Misteriosos”

Imagem 7 – Atividade de Expressão dramática sobre os animais

Imagem 8 – Atividade de Expressão dramática sobre o texto “A Conversa”

Imagem 9 – Atividade de Empilhamento com caixas

Imagem 10 – Atividade com lanternas

Imagem 11 – Atividade de Expressão Musical

Imagem 12 – Gincana

Imagem 13 – Jogo das Setas

Imagem 14 – Jogo dos Arcos

Imagem 15 – Gincana

Imagem 16 – Jogo do Quadrado Mágico

Imagem 17 – Estafetas

Imagem 18 – Jogo dos Passes

Imagem 19 – Jogo do Mata

Índice de Gráficos

Gráfico 1 – 1.^a Sessão - Pré-Escolar

Gráfico 2 – 2.^a Sessão - Pré-Escolar

Gráfico 3 – 3.^a Sessão - Pré-Escolar

Gráfico 4 – 1.^a Sessão – 1.^o Ciclo

Gráfico 5 – 2.^a Sessão - 1.^o Ciclo

Gráfico 6 – 3.^a Sessão - 1.º Ciclo

Gráfico 7 – 4.^a Sessão - 1.º Ciclo

Introdução

A elaboração do presente relatório de estágio é um dos requisitos estabelecidos pelo Decreto-Lei n.º 43/2007, de 22 de fevereiro, para a obtenção do grau de mestre, que concede a habilitação profissional para a docência na educação Pré-Escolar e do 1.º Ciclo do Ensino Básico. Segundo o artigo 17º do mesmo decreto, é atribuído o grau de mestre a quem obtenha o número de créditos para o ciclo de estudos de mestrado, através das seguintes situações:

- a) *Da aprovação em todas as unidades curriculares que integram o plano de estudos do curso de mestrado; e,*
- b) *Da aprovação no acto público de defesa do relatório da unidade curricular relativa à prática de ensino supervisionada.*

(Decreto-Lei n.º 43/2007, p.1325)

Deste modo, foi neste contexto que surgiu o relatório de estágio elaborado no âmbito das unidades curriculares da Prática de Ensino Supervisionada em Educação de Infância-JI, realizado com um grupo de crianças com idades compreendidas dos três aos cinco anos, em 1.º Ciclo, desenvolvido com uma turma de 1.º e 2.º ano, com alunos dos seis aos oito anos, e em Creche, efetuado com um grupo de crianças de um ano.

Estes estágios foram realizados em Santarém, com a duração de dez semanas cada um, sendo que os realizados em Pré-Escolar e 1.º Ciclo foram objeto de um estudo.

No presente relatório são descritos os contextos de estágio, tendo sido fundamental as semanas de observação para conhecer o grupo/turma, saber quais os seus interesses e as suas necessidades. Deste modo, atendendo às suas necessidades e interesses, considerei pertinente realizar atividades de Expressão Motora, de modo a que as crianças/alunos desenvolvessem determinadas competências sociais. Foi neste contexto que pude desenvolver a minha questão em estudo – *Qual O Papel da Expressão Motora na Educação Pré-Escolar e no 1.º Ciclo do Ensino Básico no Desenvolvimento da Formação Pessoal e Social.*

A observação foi um dos processos imprescindíveis ao longo deste trabalho, uma vez que desta surgiram as informações e, conseqüentemente, a recolha de dados através de diários de bordo e grelhas de observação, técnicas essenciais para não perder nenhum dado importante. Segundo Carmo & Ferreira (1998, p. 103) é *extremamente importante que o investigador não vá desarmado para o campo,*

pois pode perder informação muito importante ou selecionar informação desnecessária.

No que concerne à estrutura do presente relatório, este está dividido em três partes distintas. A primeira parte está intitulada *Os estágios de intervenção e autodiagnóstico* e, como o nome indica, é dedicada ao estágio pedagógico. Nesta parte é descrita, de forma sucinta, a caracterização da escola de cada contexto educativo, bem como a caracterização do ambiente educativo. No seguimento deste, consta o projeto desenvolvido e as metodologias e estratégias utilizadas e algumas atividades desenvolvidas. Por fim, em cada estágio, é descrita uma pequena reflexão acerca do mesmo. Para finalizar esta primeira parte, é mencionada a problematização do estudo, sendo exposto o porquê do estudo em questão.

A segunda parte está designada como *Apresentação do trabalho de pesquisa*. Esta é dedicada ao estudo realizado e, primeiramente, é realizada uma revisão bibliográfica acerca do tema, tendo como pontos principais a Expressão Motora e o Jogo em Contexto Pré-Escolar e 1.º Ciclo, a Formação Pessoal e Social em Contexto Pré-Escolar e 1.º Ciclo, e a Educação Física como área transversal do currículo. Posteriormente, é referida a metodologia utilizada, que neste caso foi do tipo investigação-ação, tendo como objetivo ser prática e reflexiva, num processo de aquisição de informação e conhecimento. Seguidamente são mencionadas as técnicas de recolhas de dados, que aconteceram através da observação participante (diários de bordo e grelhas de observação) e as entrevistas à educadora cooperante e à docente cooperante. De seguida são referidas as atividades do estudo, intituladas de *Projeto de intervenção* e, por fim, surge a análise e interpretação dos dados, nomeadamente, a análise das atividades e das entrevistas.

Para terminar, é apresentada a terceira e última parte denominada Reflexão Final, onde são descritas algumas considerações finais acerca de todo o processo do estágio pedagógico, bem como do estudo realizado.

Parte I – Os estágios de intervenção e autodiagnóstico

1. Caracterização dos contextos de estágio

Os estágios decorreram entre 2013 e 2015 e tiveram a duração de dez semanas (de terça a sexta-feira), sendo que as duas primeiras semanas foram de observação, em que me familiarizei com as rotinas e relação educativa entre educadora cooperante, docente cooperante, crianças/alunos, entre outros. A partir da terceira semana, assumi um papel ativo, dirigindo a ação educativa, alternando em cada semana com o meu par de estágio.

1.1. Estágio em contexto Pré-Escolar

1.1.1. Caracterização da Instituição

O estágio em contexto de Jardim de Infância decorreu numa instituição de rede pública no período de 22 de outubro de 2013 a 17 de janeiro de 2014, das 9:00h. às 15:15h., com um grupo de vinte e cinco crianças, com idades compreendidas dos três aos cinco anos. Este Jardim de Infância estava inserido no núcleo escolar de uma Escola EB1, situada no meio urbano da cidade de Santarém.

A localização do Jardim de Infância, por ser junto à estrada nacional, levantou algumas questões no âmbito da poluição sonora e do ar. Além disso, nas traseiras do edifício encontrava-se a antiga escola, encontrando-se muito degradada. Assim sendo, o meio não era o mais favorável, pois a estrada era demasiado movimentada, levando a que as crianças direcionassem a sua atenção para o que se passava na mesma, parando as atividades. Além disso, as crianças estavam expostas a níveis de poluição mais elevados.

Relativamente à caracterização do estabelecimento, existia uma sala de Jardim de Infância (que se situava no rés do chão) e três salas de 1.º Ciclo (duas no 1.º andar e outra que se situava num contentor, no exterior do edifício). O estabelecimento usufruía ainda de uma sala de professores, uma casa de banho para adultos e três para alunos/crianças. Os alunos do 1.º Ciclo tinham duas casas de banho, uma no 1.º piso e outra no rés do chão, e as crianças do Jardim de Infância tinham uma no rés do chão, perto da sua sala. Era, igualmente constituída por um salão polivalente onde se serviam refeições e se realizavam as atividades de Expressão Motora e outras atividades curriculares de prolongamento de horário (atividades de enriquecimento curricular). Era também neste salão que se faziam as festas de fim de ano e, encontrava-se igualmente, a “casinha das bonecas” das crianças do Jardim de Infância.

O espaço exterior que envolvia o edifício era amplo e estava dividido em duas partes. Na primeira, onde o pavimento era mais indicado para os mais novos, visto que a zona dos baloiços e escorregas estava protegida por um piso sintético de borracha amortecedora, diminuindo assim, o risco de lesão. Aqui encontrava-se também uma zona para circular com os triciclos com marcações que simulavam as estradas rodoviárias. No entanto, essas marcações estavam quase invisíveis sendo que, por vezes, as crianças magoavam-se por não andarem no sentido certo ou por andarem depressa demais. A segunda parte do recreio era mais ampla, com o pavimento cimentado e tinha algumas árvores. Este espaço continha ainda várias caixas de areia onde as crianças brincavam com ancinhos, pás e até mesmo com as mãos. Segundo Hohmann & Weikart (2007, p.182) *as crianças mais novas gostam muito de brincar com areia (...) e acham essa brincadeira muito agradável. Gostam de misturar, agitar, amontoar, despejar, escavar, encher, esvaziar, alisar, peneirar, moldar, espalhar, e ainda fazer bolos a fingir, casas, estradas, lagos e castelos.* Sendo assim, era um espaço fundamental, tornando-se uma experiência agradável e absorvente para as crianças.

A escola apresentava alguns sinais de envelhecimento, sendo necessárias algumas obras de requalificação e restauração, como por exemplo a pintura de todo o edifício.

Em contrapartida, todas as salas encontravam-se, em meu entender, bem equipadas, possuindo material de qualidade e adequado às respetivas faixas etárias.

É ainda de salientar que o horário de funcionamento do Jardim de Infância tinha como hora de abertura as 9:00h. e de encerramento as 18:15h. A partir das 15h:45h. iniciavam-se as atividades de enriquecimento curricular (AEC's).

1.1.2. Organização do ambiente educativo

A sala onde decorreu o estágio era um espaço amplo, com boa luminosidade e bem equipada, estando dividida por diversas áreas, cada uma com a sua intencionalidade educativa. A área do tapete, sendo um espaço para reuniões de grande grupo, também era utilizada pelas crianças para as construções, tendo disponíveis vários tipos de blocos com tamanhos, formas, cores e material diferenciado (como bonecos, animais, veículos, entre outros). A área da pintura, tinha um cavalete, um lavatório e materiais de desgaste e outros materiais recicláveis próprios para serem utilizados nas diversas pinturas pelas crianças, como forma de carimbagem. A área da matemática, onde se realizavam atividades com puzzles e jogos matemáticos (com números, figuras geométricas, entre outros) e a área do computador, onde as crianças podiam realizar alguns jogos didáticos e fazer

pesquisas, com a ajuda do adulto, sobre algum tema específico ou alguma dúvida que surgisse, eram também áreas presentes na sala. A área da biblioteca era composta por um vasto leque de livros (mais de quatrocentos) com os mais variados temas e a zona das Ciências e Expressão Musical possuía vários armários organizados com material de ciências (microscópio e lupas) e material de música (com vários instrumentos, como clavas, pandeiras, sininhos, tambores e jogo de sinos). O cantinho da videoteca contava com mais de cinquenta *dvd's* onde as crianças, após o almoço, visionavam um filme e, por fim, a área da casa e da garagem, que se encontravam no salão polivalente. Estas últimas duas áreas encontravam-se no exterior da sala apenas por uma questão de espaço, mas eram tão valorizadas como todas as outras.

Segundo a educadora cooperante, cada área estava dividida estrategicamente em prol dos interesses e necessidades do grupo. Como refere o Ministério da Educação/Departamento de Educação Básica (ME/DEB, 1997, p.38) *a reflexão permanente sobre a funcionalidade e adequação do espaço e as potencialidades educativas dos materiais permite que a sua organização vá sendo modificada de acordo com as necessidades e evolução do grupo.*

Cada área não podia ter mais de quatro a cinco crianças de cada vez, à exceção da área do computador, que podia ter apenas duas crianças. A área da casa e da garagem, por se encontrarem fora da sala, eram sempre acompanhadas pela ajudante de ação educativa ou pela educadora.

O hall junto à sala de atividades continha os cabides e bancos onde as crianças deixavam os seus pertences, como casacos e objetos pessoais.

O grupo era constituído por vinte cinco crianças, que eram no geral muito interessadas, bem-dispostas, curiosas, ativas e muito autónomas, desde a higiene até a capacidade de criar e inventar nas atividades. Adoravam trabalhar ao ar livre, gostavam muito da área da Expressão Motora e ouvir histórias, era, sem dúvida, uma rotina que não se podia quebrar. Existiu sempre cooperação entre as crianças mais velhas e as mais novas, que se apoiavam mutuamente, o que originou aprendizagens lucrativas para ambas, fomentando-se a interação social. Como menciona o ME/DEB (1997, p.51),

é nos contextos sociais em que vive, nas relações e interações com os outros, que a criança vai interiormente construindo referências que lhe permitem compreender o que está certo e errado, o que pode e não pode fazer, os direitos e deveres para consigo e para com os outros.

Diariamente, uma criança diferente exercia a função de chefe da sala, tendo ao longo do dia diversas funções. Era da sua competência a distribuição das presenças

pelo grupo, marcação de faltas, a escolha do filme a que se assistia depois do almoço e, sempre que necessário, fazia recados. Estas tarefas tinham como objetivo fomentar na criança o sentido de responsabilidade e autonomia da mesma. Segundo o ME/DEB (1997, p.53), *a construção de autonomia supõe a capacidade de ir, progressivamente, assumindo responsabilidades. Este processo (...) decorre de uma partilha de poder entre o educador, as crianças e o grupo.*

Nesta sala havia uma rotina diária, sendo que, diariamente era trabalhado um ou diversos domínios das áreas de conteúdo (linguagem oral, linguagem escrita, matemática, entre outros). Existiam dias específicos para duas expressões. A Expressão Motora à quarta-feira e a Expressão Musical à sexta-feira. Igualmente, à sexta-feira era realizado o dia do brinquedo, em que cada criança podia trazer um brinquedo de casa e mostrá-lo ao grupo. Este momento tinha como objetivo fomentar a partilha e dar a conhecer os brinquedos de cada um. Era um momento muito esperado pelo grupo que ficava bastante entusiasmado por mostrar o seu brinquedo e por ver o brinquedo dos colegas. Sendo assim, a rotina da sala foi sempre respeitada, de modo a manter a harmonia na sala e o bem-estar do grupo.

O Projeto de Sala implementado pela educadora cooperante intitulado *Crescer Feliz no Jardim de Infância*, traduziu-se na principal intenção de construir um clima de bem-estar, de alegria e de segurança, propício ao desenvolvimento de oportunidades de aprendizagem em que as crianças promovessem a sua formação pessoal e social, as suas capacidades de expressão e comunicação e o conhecimento do mundo que as rodeava. Foi também, considerado prioritário a fomentação de aprendizagens mais ativas e diversificadas adquirindo competências relacionadas com o mundo e intervindo no meio social e natural em que as crianças estavam envolvidas. Por fim, promover a autoestima da criança, a confiança nas suas capacidades e nos outros e a autonomia na resolução de possíveis conflitos.

Pretendeu, também, assegurar a continuidade da aprendizagem junto da família da criança e do meio que a rodeia, bem como desenvolver o processo de transição das crianças para o 1.º Ciclo, isto para que as crianças se adaptassem mais facilmente à nova rotina.

Os objetivos tinham em consideração as três áreas curriculares, estabelecidas pelas OCEPE (1997) (Formação Pessoal e Social, Expressão e Comunicação e Conhecimento do Mundo). Foram implementados através de planificações desenvolvidas tendo em conta os interesses do grupo de crianças e a adequação aos seus níveis de desenvolvimento, assim como da concretização do Plano Anual de Atividades.

1.1.3 Projeto desenvolvido

Durante a primeira semana de observação de estágio foi possível detetar alguns problemas relacionados com a segurança rodoviária fora e dentro do Jardim de Infância. Na frente da instituição existia uma estrada nacional, muito movimentada. Esta estrada não apresentava passeios, apenas tinha uma berma que era utilizada pelos encarregados de educação para estacionar os veículos aquando a entrega e recuperação das crianças. Deparei-me com este problema logo no primeiro dia de estágio, em que observei uma grande confusão de carros, uns estacionados na berma da estrada junto à escola, outros que ainda não tinham conseguido estacionar, e crianças que iam chegando a pé, contornando os vários carros que se encontravam nesse local.

Apercebi-me também de algumas situações já dentro do Jardim de Infância. Pequenos acidentes no recreio quando algumas crianças brincavam nos triciclos e chocavam contra os colegas, havendo o perigo de se magoarem.

Tendo em conta o tema do Projeto de Sala *Crescer feliz no Jardim de Infância*, e considerando-se prioritário um clima de bem-estar e a segurança do grupo, o tema do projeto implementado com o meu par de estágio, foi a Educação Rodoviária, que abrangia todas as áreas de conteúdo referidas nas OCEPE (1997), documento orientador disponível pelo Ministério da Educação, para todos os educadores de infância. Para a elaboração do projeto foi tido em conta as diversas competências existentes em cada área de conteúdo, com uma adaptação para o grupo-alvo.

É ainda de referir que este projeto foi acordado com a educadora cooperante e que teve como objetivo integrar projetos da instituição/agrupamento, assim como outras atividades em que a escola já tinha tradição em trabalhar com as duas valências (Jardim de Infância e 1.º Ciclo).

Segundo Carvalho & Nunes (2012, p.4) *a Educação Rodoviária é um processo de aquisição de conhecimentos e desenvolvimento de capacidades que visa a formação do cidadão, enquanto passageiro, peão e condutor*. Pretende-se assim promover um ambiente seguro e espera-se que cada cidadão tenha uma atitude participativa e responsável e que esta seja trabalhada na escola, bem como pelos pais e restante sociedade (Carvalho & Nunes, 2012).

A Educação Rodoviária é um processo de formação que se estabelece ao longo da vida e que envolve toda a sociedade. Para isso é necessário um especial alerta para atos negligentes e ameaçadores. Como referem Carvalho & Nunes (2012, p.3) *o comportamento em ambiente rodoviário é inseparável das relações sociais e a Educação Rodoviária indissociável da formação da pessoa, enquanto cidadão*.

Para isso, diminuir os acidentes apelando para uma sociedade mais segura, é necessário trabalhar nas escolas a Educação Rodoviária, pois esta desempenha um papel fundamental na segurança rodoviária. A segurança rodoviária deve ser entendida como um processo pedagógico que ofereça ao indivíduo, um conjunto de atitudes, maneiras de agir, conhecimentos, ou seja *competências indispensáveis à interiorização e enraizamento de padrões comportamentais norteados pela segurança* (Rosas & Meireles-Coelho, 2011, p.10).

Cabe à escola definir medidas de formação para as crianças desde o Pré-Escolar, pois as crianças mais novas são mais vulneráveis a esta problemática, por não terem a precisa noção do perigo, a reduzida amplitude da visão, o insuficiente domínio da lateralidade, a espontaneidade dos seus atos, assim como a pequena estrutura e a baixa atenção/concentração, entre outras (Carvalho & Nunes, 2012).

Para que os objetivos do projeto fossem realizados, foi necessário uma articulação entre as áreas de conteúdo. A sua abordagem foi diferenciada, tanto na escola, como fora, através das vivências reais ou simuladas, de análises sobre situações experienciadas e da resolução de problemas. Deste modo, os objetivos que se considerou essenciais para o desenvolvimento das crianças no âmbito do projeto foram:

1. Educar as crianças para os desafios de prevenção rodoviária;
2. Fomentar atitudes de segurança e comportamentos preventivos na estrada e no recinto escolar;
3. Aprender os principais sinais de trânsito e as regras básicas para a circulação na estrada;
4. Conhecer os sinais luminosos para os veículos e para os peões;
5. Identificar e saber o significado das cores dos sinais luminosos no contexto do trânsito;
6. Reconhecer os sentidos do trânsito e transferir o domínio da lateralidade para o contexto rodoviário;
7. Identificar as passadeiras como locais específicos para atravessar a estrada.

Tendo por base os objetivos que, inicialmente, foi definido para o projeto, as estratégias foram as seguintes:

- a) Educar as crianças para os desafios de prevenção rodoviária;
- b) Fomentar atitudes de segurança e comportamentos preventivos na estrada e no recinto escolar;
- c) Aprender os principais sinais de trânsito e as regras básicas para a circulação na estrada;

- d) Conhecer os sinais luminosos para os veículos e para os peões;
- e) Identificar e saber o significado das cores dos sinais luminosos no contexto do trânsito;
- f) Reconhecer os sentidos do trânsito e transferir o domínio da lateralidade para o contexto rodoviário;
- g) Identificar as passadeiras como locais específicos para atravessar a estrada.

A avaliação do projeto consistiu na elaboração de grelhas de observação, registos escritos, conversas com as crianças, registo fotográfico/vídeo e avaliação diária com o grupo. A divulgação do projeto à comunidade educativa foi realizada através dos trabalhos realizados pelas crianças, fotografias e, por fim, o visionamento de um vídeo com as diversas atividades realizadas ao longo do estágio.

1.1.4. Principais atividades desenvolvidas

Diversas foram as atividades que pude realizar ao longo das minhas semanas de estágio, estando sempre em consonância com o Projeto de Sala da educadora, o projeto implementado em contexto de estágio e, obviamente os interesses e necessidades das crianças. De todas as atividades vou referir apenas algumas. A atividade dos puzzles construídos através de fotografias tiradas numa saída do Jardim de Infância e, que teve como principais objetivos colher folhas e observarem os sinais de trânsito. Assim sendo, as crianças já detinham uma perceção dos sinais que constavam nos puzzles. A atividade correu bastante bem. No entanto, aquando da planificação devia ter refletido se a divisão dos grupos era a mais adequada (três a quatro crianças por grupo). No início da atividade, e como planificado, dividi as crianças por grupos de três a quatros elementos cada. No entanto, durante a realização da atividade pude observar que apenas duas crianças de cada grupo é que participavam. Então, alterei a estratégia



Imagem 1 – Sinais de trânsito



Imagem 2 – Atividade dos puzzles

e coloquei as crianças a pares (uma mais velha, com uma mais nova). A partir deste momento todas as crianças participaram e estiveram envolvidas na atividade, reconhecendo os sinais e conseguindo concluir os puzzles. É de salientar ainda que o grupo ficou muito entusiasmado quando viu que as imagens dos puzzles eram iguais àquelas que tinham observado aquando de uma saída do Jardim de Infância, conseguindo identificar elementos observados e a foto tirada ao grupo nessa ocasião.



Imagem 3 – Exame de condução de triciclo

Outra atividade realizada foi o exame de condução e respetiva elaboração da carta de condução. Ao longo de algumas semanas foram sendo trabalhados com as crianças diversos sinais de trânsito, o percurso a realizar de triciclo, como também construídos pelas mesmas alguns adereços

(capacetes, joelheiras e cotoveleiras). Confesso que me senti bastante orgulhosa, visto que todas as crianças demonstraram empenho e interesse no desenrolar das tarefas e souberam fazer o percurso na perfeição, sempre com um sorriso no rosto.



Imagem 4 – Carta de condução de triciclo

É de referir também a atividade do teatro que foi apresentada aos pais na festa de natal, em que dei continuidade ao trabalho desenvolvido pela minha colega de estágio na semana anterior. As crianças já tinham uma boa base do conhecimento das suas intervenções, visto já o terem estado a trabalhar há uma semana. O teatro esteve inserido na festa de natal, como foi referido anteriormente, e baseou-se no tema do projeto (Segurança Rodoviária). A família esteve presente, tendo colaborado com materiais para o seu desenvolvimento. No final, o *feedback* dos encarregados de educação foi muito positivo, tanto pelo tema trabalhado e o seu desenvolvimento, como também, pela interação conseguida com as crianças. Foi possível fazer o teatro de natal não só retratando a época natalícia, bem como trabalhar diversas áreas do currículo, inclusive o projeto implementando.

Sendo a educação pré-escolar complementar da acção educativa da família, haverá que assegurar a articulação entre o estabelecimento educativo e as famílias, no sentido de encontrar, num determinado contexto social, as respostas mais adequadas para as crianças e famílias, cabendo aos pais participar na elaboração do projecto educativo do estabelecimento.

(ME/DEB, 1997, pp.22-23)



Imagem 5 – Teatro de natal

Por fim, durante o desenvolvimento das atividades, pude observar que a aprendizagem através do jogo estava patente no Jardim de Infância. Partindo deste pressuposto e, em conversa informal com a educadora cooperante, o jogo e a Expressão Motora tinham sido pouco desenvolvidos até então. Deparei-me que o projeto veio colmatar essas necessidades, visto que implementei atividades que proporcionaram um maior desenvolvimento nesta área. É de salientar que em cada momento de Expressão Motora as crianças mostraram-se muito entusiasmadas, mantendo-se sempre muito ativas, bem-dispostas e felizes.

1.1.5. Percurso de desenvolvimento profissional

No início do estágio, foi difícil aprofundar a minha intervenção devido ao curto espaço de tempo da minha experiência. Contudo considerei que tinha maior facilidade nas áreas de Matemática, Conhecimento do Mundo e a Expressão Motora. Ainda assim, senti necessidade de pesquisar um pouco mais, de forma a adquirir um maior conhecimento a nível científico sobre as áreas que pretendia desenvolver com as crianças durante a minha intervenção. Ficou patente que sentia algumas dificuldades na forma como me expressava, tendo em conta também o público-alvo, sendo necessário utilizar um discurso mais direto. Na área de Expressão Dramática também senti alguma dificuldade, pois tinha receios em desinibir-me. Com o desenrolar da atividade de contar uma história, fiquei muito mais à vontade em dialogar com o grupo e a expressar-me sem medos. Como refere Rigolet (2009, p.170) *é necessário trabalhar muito a sua linguagem até ser capaz de dar ao seu contador esta*

naturalidade eficaz (...). Foi necessário preparar antecipadamente as atividades, para que o discurso fosse o mais correto para as crianças, de modo a envolvê-las e cativá-las. Segundo Rigolet (2009, p.170) citando Montelle (1987) deve existir

uma modificação particular a nível da melodia da sua voz e sugere uma forma de envolver mais diretamente o público, não só despertando a atenção através da mobilização dos seus cinco sentidos, mas formulando-lhe algumas perguntas em momentos-chave, o que a ajuda a sustentar a atenção.

A partir daí, comunicar tornou-se menos complicado e, ao longo da minha experiência de estágio, essa dificuldade sentida inicialmente acabou por diminuir.

Aquando da minha primeira planificação tinha-me deparado com alguma dificuldade em definir as atividades a desenvolver a partir dos objetivos pretendidos, bem como definir o melhor instrumento de avaliação.

Foi necessário investigar acerca desta temática a fim de aprofundar os meus conhecimentos para ultrapassar a dificuldade sentida.

É necessário planejar situações de aprendizagem que sejam bastante desafiadoras, de forma a cativar e a estimular cada criança, apoiando-a para que chegue a níveis de realização a que não chegaria por si próprio, mas sem ser de forma excessiva, para que não possa ficar desmotivada e com baixa autoestima (ME/DEB, 1997).

A avaliação efetuada com as crianças é uma atividade educativa, estabelecendo uma base de avaliação para o educador. A reflexão que vai fazendo através da observação proporciona uma evolução do desenvolvimento a cada criança (ME/DEB, 1997).

Silva (2013) refere que na ação educativa intencional, ocorre uma relação estreita entre o planeamento e a avaliação, constituindo um ciclo interativo, em que a avaliação fundamenta o plano, cuja progressão vai possibilitar outra avaliação.

Sendo a observação das crianças um instrumento essencial da avaliação esta não pode assentar numa observação informal, exigindo um processo intencional e sistemático, que implica registos, que possam ser posteriormente analisados, interpretados e refletidos (Silva, 2013, p.152). (...) Ao considerar uma determinada criança como instável, será capaz de citar exemplos de comportamentos que apoiam esta opinião. Mas, será que também está atento aos momentos em que a mesma criança brinca sozinha com tanto interesse que não dá conta do que se passa à sua volta ou a que, espontaneamente, se prontifica a ajudar uma mais pequena? Uma vantagem da observação sistemática é reconhecer o potencial dessa criança que se manifesta menos.

(Kohn, 1997 citado por Silva, 2013, p.152)

Várias vezes questionei o facto de estar a fazer juízos de valor. Quem sou eu e que experiência tenho para dizer que é assim ou que a criança está com dificuldades? Posso julgar? Com o decorrer destas dúvidas, cheguei à conclusão que a avaliação baseia-se nos objetivos que pretendia serem atingidos em determinada atividade. Acabei por perceber, que a avaliação não são juízos de valor, mas sim um meio para ter a perceção se as crianças estão a conseguir evoluir durante as atividades.

Com a avaliação realizada no final de cada dia com o grupo, foi-me possível perceber se as crianças adquiriam as aprendizagens pretendidas, e, com base nestas avaliações diárias, como também na minha observação direta e registos (que mais tarde, foram analisados, interpretados e refletidos), tornou-se perceptível se o grupo atingia os objetivos pretendidos, se a minha estratégia resultou, ou se tinha que ser redefinida.

Segundo Roldão (2009, p.49),

o pleno exercício de uma profissão pressupõe a possibilidade, a necessidade e a capacidade de o profissional refletir sobre a função que desempenha, analisar as suas práticas à luz dos saberes que possui e como fontes de novos saberes, questionar-se e questionar a eficácia da acção que desenvolve no sentido de aprofundar os processos e os resultados, os constrangimentos e os pontos fortes, a diversidade e os contextos da acção, reorientando-a, através da tomada fundamentada de decisões(...).

Nesse sentido, devo ter a capacidade de refletir a cada atividade que realizo e a cada dia de profissão, a fim de colmatar as dificuldades que possam surgir e melhorá-las na próxima intervenção, mas também guardar os sucessos para que possam ser repetidos.

Em suma, tendo em conta o projeto implementado, de uma forma equilibrada, consegui ao longo do estágio enquadrar sempre o tema nas atividades que desenvolvi. Foi um grande desafio, pois nem sempre foi fácil fazer esse enquadramento. No entanto, considero que tive sucesso, na medida em que as atividades também tiveram aceitação por parte das crianças.

A boa interação conseguida com a educadora cooperante, as ajudantes de ação educativa e a minha colega de estágio foram também uma mais-valia para que este período de estágio tivesse um saldo positivo com novas aprendizagens.

1.2. Estágio em contexto de 1.º Ciclo

1.2.1. Caracterização da Instituição

O estágio em contexto de 1.º Ciclo decorreu, numa escola da rede pública, tendo início a 11 de março e terminado a 30 de maio de 2014, das 9:00h. às 16:15h., com uma turma de 1.º e 2.º ano.

A escola estava localizada numa área urbanizada e próxima de várias instituições de primeira necessidade às populações. Os seus acessos eram bons e oferecia um parque de estacionamento que facilitava as paragens curtas para deixar e levar as crianças.

A escola era constituída por seis salas de aula, repartidas por três blocos, de dois andares. Cada um destes tinha duas salas. Uma delas destinava-se à turma onde estive a estagiar, que se encontrava no 1.º andar. Neste bloco, existia ainda outra sala com uma turma de 1.º ano e duas casas de banho: uma para os rapazes e outra para as raparigas. No rés do chão encontrava-se o salão polivalente, que integrava a reprografia, a sala dos professores, a casa de banho dos adultos e a cozinha. Ao lado, encontrava-se o refeitório.

Verifiquei que a escola tinha algumas carências, nomeadamente: o espaço físico exterior encontrava-se desadequado às necessidades educativas atuais (espaço coberto no recreio era limitado para o número de alunos e o pátio exterior estava em mau estado); o espaço físico interior encontrava-se, igualmente, desadequado (a biblioteca escolar era muita pequena, existia falta de salas de trabalho para os professores, e o polivalente em dias de chuva era caótico, pois todas as turmas nos intervalos estavam nesse local, tornando-se pequeno demais).

Relativamente à sala de aula, considerei que estava bem equipada: tinha um quadro interativo, um computador portátil com ligação à internet, dois quadros pretos, um projetor, ar condicionado, uma impressora e duas caixas com livros.

1.2.2. Organização do ambiente educativo

A turma era constituída por vinte e dois alunos (um deles transferiu-se para outra escola na segunda semana de observação) com idades compreendidas entre os 6 e os 8 anos que integravam os dois anos de escolaridade (1.º e 2.º ano). No 1.º ano encontravam-se seis alunos e no 2.º ano dezasseis, sendo que dois alunos do 2.º ano encontravam-se ao nível de 1.º ano, realizando, assim, as mesmas atividades que estes. Um destes tinha acompanhamento de ensino especial três dias por semana. Esta turma não tinha um comportamento adequado em sala de aula, sendo os alunos muito faladores e onde existia uma grave lacuna na aquisição e respeito pelas regras

impostas (comiam e jogavam à bola dentro da sala, muitas vezes, andavam a passear lá dentro). As aprendizagens eram dificultadas não só devido ao comportamento menos adequado, bem como pelas distrações e conversas paralelas. Quando contrariados, alguns alunos chegavam a ser agressivos e violentos, tanto com a docente cooperante, como com os colegas, e tanto comigo e com a minha colega de estágio (chamavam nomes, davam pontapés nas cadeiras e mesas e até mesmo empurrões nos colegas).

No que tocava ao trabalho de grupo, tinha verificado nas semanas de observação, pouco trabalho a nível de pares e em pequenos grupos, assim como atividades que englobassem os dois anos de ensino. Em relação às horas destinadas às diversas áreas de conteúdo estava tudo definido pela docente cooperante, sendo que esse quadro não era cumprido à risca, ou seja, as áreas eram trabalhadas mas não necessariamente nas horas previamente discriminadas. No entanto, existia uma anulação das expressões no horário letivo, a única que era trabalhada era a Expressão Plástica. Numa conversa informal com a docente cooperante pude constatar que as outras expressões não eram trabalhadas, porque alguns alunos tinham essas áreas nas AEC's. No entanto, a docente cooperante deixou-me à vontade para inclui-las no horário letivo durante o período de estágio.

Devido ao facto do plano de turma ainda estar em construção, a planificação das atividades letivas do grupo, foram realizadas tendo em conta as indicações da docente cooperante, construindo-se os objetivos a partir das necessidades dos alunos, sendo que, o meu objetivo principal era que os alunos adquirissem algumas regras, melhorando assim o seu comportamento, sabendo à partida não ia ser nada fácil, devido às circunstâncias referidas anteriormente.

1.2.3. Principais atividades desenvolvidas

Diversas foram as atividades realizadas ao longo do período de estágio, no entanto vou apenas referir algumas. Uma delas foi realizada através do livro *Os Ovos Misteriosos*, e todo o grupo se mostrou empenhado, interessado e muito feliz por a terem realizado. Comecei por perguntar se conheciam a história, e posteriormente, passei à leitura. O grupo percebeu muito bem a mensagem da história, pois na conversa em grande grupo, todos falaram um pouco e disseram que o *importante é dar amor e carinho, tenham os animais nascido ou não da mesma mãe*. Isto porque, a galinha cuidou de diversos animais, mas só um é que era mesmo filho biológico. Esta leitura da história foi propositada, pois quis passar a mensagem do amor, do respeito e do carinho pelos outros. No decorrer da atividade, o grupo esteve empenhado: fizeram os seus desenhos sempre em consonância com o seu par e conseguiram escrever a

características do animal que desenharam. No fim, apresentaram o seu desenho à turma e a característica do animal. Foi uma atividade bastante enriquecedora, visto que os dois anos trabalharam juntos, conseguindo trabalhar diversas áreas curriculares (Português, Estudo do Meio e Expressão Plástica).



Imagem 6 – Atividade sobre o livro “ Os Ovos Misteriosos”

Noutra atividade, dos sinais de trânsito, percebi que o grupo já tinha muito bem interiorizado algumas das regras de segurança rodoviária que se têm que respeitar. Na apresentação do *PowerPoint* utilizado, antes de dizer o significado de cada sinal, perguntei ao grupo se sabiam, e só desconheciam dois deles, ou seja, como já referi anteriormente, tinham já uma grande noção das regras de segurança rodoviária. Foi notório que o grupo se mostrou bastante participativo e entusiasmado com a temática. Quando fizeram o exame de condução através do *site* o *Sítio dos Miúdos*, ficou patente que o conteúdo ficou consolidado e que o exame foi uma mais-valia, visto que os alunos estiveram muito concentrados no visionamento do vídeo e, sendo assim, foi bem mais fácil responderem às questões, acertando corretamente a todas.

Com a atividade de Expressão Dramática, o grupo “delirou”. Primeiramente, expliquei no que a atividade consistia. Tinha uns cartões com diversas imagens de animais e um dado. O dado servia para saber se os alunos tinham que fazer mímica ou desenhar. Se coincidissem número



Imagem 7 – Atividade de Expressão Dramática sobre os animais

par tinham que desenhar, se fosse número ímpar tinham que fazer mímica. Foram depois divididos por duas equipas e o objetivo era adivinharem o que o colega estava a fazer, fosse por mímica ou por desenho. Todos os alunos, sem exceção, contribuíram para o sucesso da atividade. Não só tiveram atentos ao colega que estava a dramatizar/desenhar como respeitaram os colegas do outro grupo, não fazendo barulho e tentando também, perceber o que a outra equipa estava a fazer sem, no entanto, comentar.

Ficou evidente, na terceira semana de intervenção, que o grupo esteve muito mais respeitador, empenhado e feliz. Os alunos já não comiam dentro da sala, respeitavam os colegas, esperavam pela sua vez para falar e respeitavam-me. Fiquei bastante satisfeita com a evolução do grupo e orgulhosa deste. Aos poucos, tanto eu como a minha colega de estágio, conseguimos implementar as nossas regras e o ambiente em sala de aula ficou bem diferente.

Na atividade sobre o perímetro/área confesso que estava um pouco receosa, pois como foi uma atividade para os dois anos de escolaridade, e o 1.º ano não sabia o que era o perímetro, pensei que estes fossem desmotivar, visto que estava com o 2.º ano a relembrar o tema. No entanto, foi exatamente o contrário. O 1.º ano começou a interagir e sem eu dar por isso, já sabiam calcular o perímetro. Fiquei fascinada com o interesse deles. Posteriormente, com a temática das áreas, todo o grupo interagiu com as questões que fui colocando. Primeiramente, para explicar o que era a área, exemplifiquei desenhando um quadrado no quadro e referi que a área era a superfície dessa mesma figura. No momento de fazer os exercícios em, grande grupo, todos responderam efusivamente e com confiança.

Na atividade de Expressão Dramática sobre um texto do livro *A Conversa*, pensei que alguns elementos da turma fossem ficar um pouco tímidos e nem sequer dizer as suas falas, no entanto, isso não aconteceu. Não só todos disseram as suas falas, como também se conseguiram expressar. Houve, sem dúvida, grande entrega e interação. Estiveram motivados, empenhados e satisfeitos com a sua representação. Cada par colaborou bastante e os alunos de 2.º ano ajudaram os de 1.º ano a memorizar as suas falas. Uma atividade em que aprenderam o que era pretendido, sendo realizada com um sorriso no rosto.



Imagem 8 – Atividade de Expressão dramática sobre o texto “A Conversa”

Relativamente às atividades realizadas em Expressão Motora, onde foi o ponto de partida para a implementação das regras, o grupo esteve sempre muito empenhado e vibraram com os jogos. No geral, respeitaram as regras e os momentos

de reflexões foram sempre muito positivos. Este tema será mais alargado na segunda parte do presente relatório.

1.2.4. Percurso de desenvolvimento profissional

Na minha primeira semana de intervenção, relativamente à indisciplina em sala de aula, foi-me difícil agir da forma mais correta. Só pensava como fazer com que os alunos aprendessem quando existia grande indisciplina por parte de alguns colegas? Confesso que me deixei levar pelo comportamento dos alunos indisciplinados. A minha preocupação era tão grande em melhorar o comportamento, que me “esqueci” dos restantes alunos e da forma como lecionar. Fui demasiado arrogante com toda à turma, não sendo eu mesma também. Não podia ter tido o mesmo comportamento com todos os alunos e foi o que fiz. Confesso que estava muito assustada com o ambiente que se vivia naquela sala. Então a estratégia que utilizei, também não foi a mais prudente visto que tentei implementar as regras à força. Errado! Verifiquei que, quanto mais se tenta enfrentar e ser agressiva com determinados alunos mais nos tentam enfrentar. É necessário perceber o porquê de o aluno ter determinado tipo de comportamentos, pois pode precisar de afeto, atenção, compreensão e a forma como reage para chamar a atenção é de agressividade.

É através da comunicação que se estabelece a relação pedagógica, sendo os dois aspectos indissociáveis. No entanto (...) distinguimos a comunicação da relação, reservando à relação os aspectos afectivos da comunicação. (...) verificamos que actos, como elogiar, encorajar, admoestar, criticar, ameaçar, transmitem fortes cargas afectivas (...) São esses actos que contribuem de um modo especial para a criação de um certo tipo de ambiente na turma que terá incidência nos planos de aprendizagem e do comportamento dos alunos.

(Estrela,1994, p.57)

Na vida de uma turma, existe sempre um fervilhar de acontecimentos, que poderão explicar a disciplina ou indisciplina na aula. Como refere Estrela (1994, p.48) *(...) se a moral e a produtividade do grupo dependem do interesse suscitado pela prossecução dos fins estipulados, a inadequação dos fins propostos ou a falta de motivação dos alunos em os atingirem podem originar situações de frustração e de descontentamento que se expressam através da agressividade, da fuga ao trabalho ou da apatia.*

Depois da primeira semana de estágio, pensei como é que iria definir as atividades a desenvolver partindo dos objetivos pretendidos, bem como definir os melhores instrumentos de avaliação com esta turma.

Como refere o ME/DEB (2004, p.24) é necessário ter em conta

o respeito pelas diferenças individuais e pelo ritmo de aprendizagem de cada aluno; a valorização das experiências escolares e não escolares anteriores; a consideração pelos interesses e necessidades individuais; o estímulo às interações e às trocas de experiências e saberes; o permitir aos alunos a escolha de actividades, a promoção da iniciativa individual e de participação das responsabilidades da escola; a valorização das aquisições e das produções dos alunos; a criação, enfim de um clima favorável à socialização e ao desenvolvimento moral.

Foi neste sentido, e no diálogo com a docente cooperante, que pensei nas estratégias mais adequadas para esta turma. Queria implementar certas regras, mas tinha que ser um processo contínuo, estimulando os alunos para isso. As atividades implementadas até ao final do estágio tiveram sempre em conta o grupo de alunos e fui implementando algumas regras, aos poucos: não comer nem jogar à bola dentro da sala, esperar pela sua vez para falar, respeitar os colegas, falar sem ser a gritar ou de forma ríspida.

Como tinha dois anos de escolaridade na mesma turma, foi um pouco mais difícil encontrar as estratégias mais adequadas para todos os alunos. No entanto tentei ao máximo promover a interdisciplinaridade, fomentando a interação entre os dois anos de escolaridade, a colaboração e a interajuda.

Foi positivo planificar atividades em grande grupo e a pares, apesar dos elementos de cada grupo terem de ser escolhidos por mim para não existirem discussões. Em todo o caso a implementação de atividades dinâmicas e diferentes criou expectativa e vontade de aprender por parte da turma.

A implementação de atividades no âmbito das expressões (Expressão Motora e Dramática) foram também ponto de partida para alcançar conhecimentos de outras áreas curriculares a serem lecionados de uma forma mais interativa.

Em suma, considero que este estágio foi uma grande experiência, tanto a nível profissional, como pessoal. Fui evoluindo ao longo do estágio, visto que não foi nada fácil lecionar uma turma com dois anos de escolaridade e com alguns alunos indisciplinados. Como já referi anteriormente, a minha primeira semana de estágio foi muito difícil, no entanto, foi importante para conseguir ser mais tolerante com algumas situações e refletir sobre as mesmas. Não foi nada fácil planificar para dois anos de escolaridade quando se tentava sempre promover a interdisciplinaridade, adequando a mesma temática para os dois anos.

No entanto consegui, ao longo das semanas, unir o grupo e implementar regras. Com isso pude lecionar de forma mais descontraída e realizar atividades mais práticas, mais do agrado dos alunos.

Aos poucos conquistei o grupo e implementei as novas regras e convicções. Sinto que evolui e que este estágio me deu uma grande “bagagem” para o futuro.

A interação conseguida entre a docente cooperante, as ajudantes de ação educativa e a minha colega de estágio foi, sem dúvida, uma mais-valia para que este período de estágio tivesse um saldo tão positivo e com tão grandes aprendizagens.

1.3. Estágio em contexto de Creche

1.3.1. Caracterização da Instituição

O estágio na valência de Creche decorreu numa Instituição Particular da Segurança Social (IPSS) no período de 28 de outubro de 2014 a 16 de janeiro de 2015, das 9:00h. às 16:00h., numa sala de um ano.

A instituição estava situada na cidade de Santarém. Começou a funcionar a partir de setembro de 1995, recebendo crianças desde os três meses até aos seis anos de idade, estando distribuídas pelas valências de Creche e Jardim de Infância. Era composta por seis salas: uma de berçário, duas de creche (sala de um ano e sala dos dois anos) e três de Jardim de Infância (sala dos três anos, sala dos quatro anos e sala dos cinco anos). Tinha como principal objetivo dar resposta às necessidades sociais da comunidade envolvente através da prática da solidariedade social.

O edifício encontrava-se bem cuidado, com as paredes decoradas e numa boa localização. Era uma instituição espaçosa e que tinha as condições necessárias de funcionamento, tanto para os educandos, como para os educadores e pessoal não docente. No espaço exterior não havia espaços verdes para as crianças brincarem. Outro aspeto que importa ressaltar é o facto de esta instituição, na generalidade, ter uma excelente luminosidade natural, sendo que se encontrava bem organizada nos vários espaços que possuía. Existia um número de salas suficiente para as crianças que acolhia.

A instituição funcionava das 07:00h. às 19:00h. Nas salas de Creche os encarregados de educação tinham uma maior flexibilidade no horário para deixar os seus educandos na instituição, pois podiam a qualquer hora ir diretamente à sala. Na parte de Jardim de Infância os encarregados de educação só podiam dirigir-se à sala com os seus educandos até às 09.30h. A partir desse horário apenas os podiam deixar na receção com um funcionário da instituição que os encaminhava até à respetiva sala. Tratava-se de um horário bastante alargado e flexível às necessidades dos encarregados de educação.

1.3.2. Organização do ambiente educativo

Relativamente à sala de um ano, onde me encontrei a estagiar, era uma sala ampla, arejada e bastante luminosa. Situava-se do lado esquerdo do edifício e tinha cinco portas (a que dava entrada à sala, a que dava para a copa, a que dava acesso ao pátio, a que dava para o fraldário/W.C. e, ainda uma que dava acesso à arrecadação) Tinha também duas grandes janelas.

O material que se encontrava à disposição e ao alcance das crianças pareceu-me adequado ao seu nível de desenvolvimento. A organização do ambiente educativo, do que me tinha sido dado a perceber com uma conversa com a educadora cooperante, não era definitiva e estava, constantemente, a ser avaliada e readaptada às necessidades emergentes do grupo.

Observei que a sala de Creche tinha uma rotina diária, que era flexível, caso ocorresse uma atividade que o exigisse. Tinha como principal objetivo orientar as crianças no que faziam em cada momento do seu dia, dando-lhes também uma previsão do que ia acontecer a cada momento e, como tal, possibilitava-lhes a sua autonomia.

O grupo era constituído por dezasseis crianças, dez raparigas e seis rapazes, com idades compreendidas entre os dez e os vinte meses, sendo que onze crianças já frequentaram anteriormente, esta instituição na sala de berçário. Havia uma criança com necessidades educativas especiais ao nível do desenvolvimento motor, não conseguindo movimentar-se.

Na minha opinião, as crianças estavam bem adaptadas dado que na hora do acolhimento conseguiam tolerar a separação dos pais e ao longo do dia a sua satisfação era visível. Gostavam muito de brincar, explorar e manipular objetos, vibravam com canções mimadas e música, gostando imenso de dançar. Gostavam também de brincar com os carros de rodas, de se verem ao espelho, adoravam ver livros e ouvir pequenas histórias ilustradas. Eram um grupo bem-disposto embora existissem algumas birras e alguns conflitos, o que, na realidade, é uma característica da idade.

Algumas crianças ainda não tinham iniciado a marcha, e as que já possuíam essa capacidade tinham-na adquirido recentemente. Todas as crianças da sala usavam fralda, apesar de algumas (muito poucas), já sabiam indicar as suas necessidades. No entanto, ainda dependiam do adulto, pois não conseguiam controlar os esfíncteres, ou seja, só quando já sentiam a fralda suja é que o diziam. Em conversa com a educadora cooperante, fiquei com a informação de que as crianças iam começar a ir ao bacio, quando o tempo ficasse mais quente.

O dia das crianças era ocupado pelas rotinas, pelos momentos de brincadeira livre e atividades orientadas.

Quanto ao tema geral de interesse do grupo, passava em grande parte, pela brincadeira livre, embora quando se falasse em fazer algum trabalho, o entusiasmo mostrado pelas crianças era fascinante.

A permanência das crianças na Creche variava de criança para criança. É importante referir que a instituição tinha um número limite de horas de permanência, dez horas no máximo. No que dizia respeito à entrada das crianças na sala, esta devia ser feita até às 9:30h., mas como já foi referido anteriormente, mesmo que as crianças chegassem mais tarde, não existia problema.

O Projeto Educativo da Instituição incidia sobretudo na área de Formação Social e Pessoal, dando grande ênfase aos valores, como pontos fulcrais na aprendizagem da vida. Cada sala iria trabalhar um desses valores.

O Projeto Pedagógico da Sala de um ano intitulava-se *Brincar para Aprender*. Com esse projeto iria ser trabalhado, principalmente, a sensibilização para o “respeito pelo outro” (aprender a não fazer mal ao outro), a partir da valorização e das atitudes. Este projeto tinha como pontos fulcrais o desenvolvimento da motricidade, linguagem, autonomia e o despertar para o prazer de brincar. Era trabalhado também o conceito de brincar na sua forma mais básica, que era descobrir o brincar, descobrir o prazer do brincar, descobrir os brinquedos e as suas potencialidades, o brincar sem brinquedos e o aprender a brincar.

A educadora cooperante disponibilizava ainda em cada quarta-feira da semana um horário para o atendimento aos pais, de modo a apoiá-los e responder às suas dúvidas. Por vezes, e como foi observado, a educadora conversava com os pais fora desse horário ou na hora do acolhimento. A nível do trabalho desenvolvido com pais/famílias, existiam conversas que iriam ser feitas ao longo do tempo, durante o período de acolhimento e entrega das crianças, até para a reformulação do plano individual de cada uma. Este era sempre realizado em concordância com os pais, desta forma tinha de ser sempre revisto e atualizado.

Pude observar que os objetivos do Projeto Educativo de Sala estiveram presentes ao longo do tempo de observação. Foi dada grande importância ao respeito pelo outro e, quando uma criança fazia alguma coisa de errada com outra, a educadora cooperante falava com ela e explicava-lhe porque não o podia fazer. As atividades que pude observar, à exceção da massa, tinham sido atividades livres (não-dirigidas), de exploração de materiais (os brinquedos que estavam à disposição na sala e os legos). A educadora cooperante fazia nesse momento, na maioria das vezes, intervenções individualizadas com as crianças.

1.3.3. Projeto desenvolvido

O projeto desenvolvido em contexto de estágio, com o meu par de estágio, esteve em consonância com o da educadora cooperante, intitulando-se *A brincar e a cantar vamos descobrir o mundo*, visto que, como já referi anteriormente, ser um grupo que adorava brincar e cantar. A escolha do tema do projeto partiu da observação motivações/interesses das crianças. Deparei-me ao longo das semanas de observação que o grupo em questão tinha um elevado interesse pela brincadeira e pela música. Desta forma, foi desenvolvido algo relacionado com estas temáticas (brincadeira e música), indo ao encontro do Projeto Pedagógico de Sala. Pretendia-se assim, partir da brincadeira e da música, para que as crianças pudessem alcançar aprendizagens significativas.

Segundo Garvey (1992) *brincar é um comportamento muito frequente em períodos de expansão intensa do conhecimento de si próprio, do mundo físico e social e dos sistemas de comunicação* (p.7).

Oliveira-Formosinho, Kishimoto & Pinazza (2007) citando Froebel (1896) *brincar é a mais alta fase do desenvolvimento infantil – do desenvolvimento humano neste período* (p.48). Logo, é extremamente importante proporcionar momentos de brincadeira diária às crianças, para que se possam desenvolver de forma adequada.

Uma criança que brinca por toda à parte, com determinação auto-ativa, perseverando até esquecer a fadiga física, poderá seguramente ser um homem determinado, capaz de auto-sacrifício para a promoção deste bem-estar de si e dos outros (...) brincar neste tempo não é trivial, é altamente sério e de profunda significação.

(Oliveira-Formosinho, et al, 2007, p. 49, citando Vygotsky, 1998)

Através do brincar, a criança irá ter um futuro de maior equilíbrio e bem-estar, capaz de enfrentar o “mundo”.

Relativamente à música, como refere as OCEPE (1997) na educação Pré-Escolar a Expressão Musical é desenvolvida, através de cinco eixos: escutar, cantar, dançar, tocar e criar. Na nossa opinião, é na creche que se deve começar a trabalhar estes processos. *A exploração musical assenta num trabalho de exploração de sons e ritmos, que a criança produz e explora espontaneamente e que vai aprendendo a identificar e a produzir (...)* (ME/DEB, 1997, p.63).

Se o brincar e a música são fundamentais para o desenvolvimento da criança, foram planificadas atividades que as envolvessem e que fossem estimulantes para o desenvolvimento das mesmas, respeitando sempre a sua etapa de desenvolvimento, criando oportunidades de concentração, descoberta que iam ao encontro dos seus interesses e motivações.

Para elaborar o projeto, teve-se também em conta, o *Manual de Desenvolvimento de Qualidade e Parceria* e as suas dimensões de qualidade, necessárias ao desenvolvimento da criança. As finalidades e objetivos do projeto relativamente ao Desenvolvimento Pessoal e Social foram: contribuir para um bem-estar, físico, psicológico e social da criança, pois é mais fácil trabalhar as competências, se esta se sentir segura, feliz e integrada, ou seja, que goste de estar na Creche. Durante as duas primeiras semanas de observação, o principal objetivo foi com que todo o grupo se sentisse bem com a nossa presença, sentindo-se à vontade para expressar os seus medos, inseguranças, desejos e prazeres. Assim, pretendeu-se dar continuidade a este processo, estabelecendo uma relação próxima; satisfazer as necessidades básicas da criança como fome, sede, higiene e afeto; ensinar as crianças a cumprimentar: a dizer olá, adeus, bom dia e mandar beijinhos; ensinar as crianças a expressarem verbalmente as suas necessidades: dá a bolacha, dá a água, mais e sim, desenvolvendo assim, a autonomia e independência; conseguir saber qual a sua cama e o seu lugar à mesa, saber agarrar na colher para comer sozinha e pegar no copo para beber água – mostrar iniciativa; descalçar-se quando vai dormir a sesta, colocando os seus sapatos debaixo da cama; permanecer sentada até acabar de comer, esperando que todas terminem; cumprir ordens simples, respondendo perante as mensagens do adulto; demonstrar carinho perante os outros com um sorriso, “festinhas” e abraços e, por último, reconhecer a sua fotografia e, mais tarde, dizer o seu nome e de pessoas mais próximas.

Em relação ao Desenvolvimento Cognitivo foram: ouvir canções acompanhadas de gestos e sons, para conhecer e memorizar as palavras e associar os gestos aos sons, proporcionando o desenvolvimento da linguagem, ou seja, o conhecimento de novos conceitos; conseguir compreender os nomes de objetos/pessoas familiares, identificando-os apontando; alcançar a reprodução/comunicação através de palavras; conseguir brincar, partilhando, se possível interações com as restantes crianças e os adultos da sala; descobrir as potencialidades de cada brinquedo; conseguir compreender/realizar pedidos que impliquem uma ordem/tarefa tais como: colaborar na recolha de brinquedos e materiais; após ordem de um adulto, guardar ou colocar um objeto no seu lugar; colaborar na limpeza e ordem na sala e, por fim, aprender a partilhar os brinquedos da sala com os colegas e conseguir explorar diversos materiais e técnicas.

No Desenvolvimento Motor foram: exploração de diversos materiais, como: caixas, bolas, legos, entre outros; conseguir realizar empilhamento e encaixe de

duas a quatro peças, com e sem suporte; conseguir gatinhar/andar; adquirir equilíbrio/destreza necessária para andar, correr, dar passadas para trás, andar num carro de rodas, primeiro sem pedais e, posteriormente com pedais; conseguir agarrar nos brinquedos, talheres, copo, marcador e carregar em botões; treinar passadas agarrada ao adulto e empurrar um andarilho; dançar livremente a pares ou sozinhas; trepar para a piscina de bolas; conseguir usar a estrutura com escorrega e, por último, conseguir folhear as páginas de um livro.

Por fim, no Desenvolvimento Criativo foram: Explorar/manipular/experimentar: massa, marcadores para riscar papel, mão para pintar papel, digitinta, instrumentos musicais e brinquedos; conseguir rabiscar, utilizando várias técnicas (marcadores, digitinta, pintar com o dedo); imitar sons e gestos conseguindo mimar canções; recriar/imitar novas utilidades para os brinquedos, imitando situações do dia a dia; conseguir criar atividades de brincar que imitam as atividades da vida quotidiana; dançar livremente a pares ou sozinhas; conseguir fazer pequenas coreografias ao som da música e bater palmas, ao som da mesma e, por fim, conhecer um pequeno repertório de músicas.

Tendo por base os objetivos que, inicialmente, foi definido para o projeto, as estratégias foram as seguintes: atender, individualmente, cada criança, dando e pedindo manifestações de afeto e carinho, cumprimentando-a e aliciando-a para que esta também o faça; dar espaço à criança fomentando a autonomia para que se sente no seu lugar, ou se deite na sua cama e, se necessário, encaminham-se as que se sentem mais perdidas dizendo “Onde é que é o teu lugar”? “Não é aqui o teu lugar!”, “Lembra-te lá onde é que é!”; no momento da bolacha e das refeições incentivar/insistir as crianças a dizerem “dá”, quando se oferece a bolacha, o pão e a água e também as próprias palavras que designam os objetos que pretendem; dar oportunidade para que a criança coma/beba sozinha, através de indicações verbais, incentivando-a com reforços positivos e se necessário com ajuda (numa primeira fase); sensibilizar a criança para permanecer sentada acompanhando as outras crianças que ainda não terminaram a refeição; pedir à criança que identifique a sua própria fotografia e reconheça as pessoas que a rodeiam; cantar canções acompanhada de gestos e sons, proporcionando à criança a possibilidade de desenvolver a linguagem verbal através da imitação; dar indicações à criança para que esta realize pedidos de uma ordem/tarefa; adequar os materiais (brinquedos, livros, jogos de encaixe, entre outros) ao desenvolvimento da criança tendo em conta, o espaço existente na sala, para não ficar demasiado estimulante; colocar à disposição das crianças brinquedos diversificados permitindo-lhe desenvolver diferentes habilitações; aproveitar os momentos da rotina, para interagir, individualmente, com as

crianças e, por último, criar novas experiências, que promovam a experimentação/manipulação e exploração de diversos materiais.

A avaliação do projeto consistiu na elaboração de grelhas de observação, registos escritos, conversas com as crianças, registo fotográfico/vídeo e avaliação diária com o grupo, onde, mais tarde, foram analisados, interpretados e refletidos.

A comunicação/divulgação do projeto às famílias foi realizada através da divulgação dos trabalhos das crianças, conversas informais e, por fim, um Cd final com fotos e músicas apreendidas durante o período de estágio.

1.3.4. Atividades implementadas

Ao longo das minhas semanas de intervenção, além da participação em toda a rotina que era feita diariamente, desenvolvi várias atividades específicas, mencionando, de seguida, as que considero mais revelantes.

Na atividade de empilhamento, no primeiro dia, deixei as crianças numa primeira fase explorarem livremente as caixas, interagindo com elas apenas quando vinham ao meu encontro. Na sala encontrava-se também a piscina de bolas. Queria que as crianças explorassem as caixas, mas que se sentissem também à vontade para brincar com outros objetos. Algumas crianças, com as caixas maiores, começaram a simular o tocar de



Imagem 9 – Atividade de Empilhamento com caixas

tambores pois, na minha opinião, associaram-nas ao mesmo. Uma das crianças chamou-me para fazer o empilhamento com ela. Quando as outras observaram, começaram também a fazê-lo. Todas as crianças manipularam as caixas. No dia seguinte, foi dada a continuidade da atividade, contudo foi realizada, individualmente, com cada criança. A maioria das crianças conseguiu empilhar dez caixas. Não seguiram uma ordem de tamanhos, mas o objetivo também não era esse. Mostraram um bom nível de bem-estar e de envolvimento. As crianças que faltaram realizaram a atividade no momento do acolhimento, pois nesse momento estavam menos crianças, dando possibilidade, para estar individualmente, com cada uma.

A atividade com as lanternas foi sem dúvida um sucesso. Estava com algum receio que as crianças mais novas ficassem com um pouco de medo por a sala no início ter ficado escura, mas pelo contrário mostraram-se bastante seguras. Comecei por perguntar às crianças o que será que tinha na mão. Estas ficaram muito curiosas e queriam mexer. Primeiramente, liguei a lanterna e aponte para o chão. Começaram

logo a tocar no chão e conforme eu mexia a lanterna, seguiam a luz. De seguida, dei uma lanterna a cada uma. Algumas, ao início assustaram-se, pois estavam a apontar a lanterna para os olhos. Quando mostrei como se fazia elas começaram a rir. Houve até crianças que ligaram e desligaram a lanterna. Na parte do túnel, o envolvimento das crianças foi excelente. Passaram vezes sem conta pelo mesmo. Tive pena em acabar a atividade, pois o envolvimento e o bem-estar demonstrado, por parte de todas as crianças foi muito bom, mas estava na hora do momento da higiene, e já não havia possibilidade para continuar.



Imagem 10 – Atividade com lanternas

Em relação à atividade de música, as crianças mostraram-se muito entusiasmadas com os instrumentos. Não só tocaram, como também dançaram ao som da música. É de salientar que enquanto tocavam, também queriam dançar ao mesmo tempo. Quando a música parava batiam palmas e gritavam “ÉÉÉÉÉÉÉ...”. Sem dúvida que era um grupo que adorava música e adorava dançar. Como refere Rebocho, (2012) a música é importante desde o berçário, pois permite, não só uma relação com o som, como também desenvolve um conjunto de movimentos, permitindo o desenvolvimento corporal, concentração, coordenação, socialização, memorização, criatividade e respeito. O facto de darmos à criança a possibilidade de fazer som (instrumento), não só desenvolve a habilidade motora, mas também a capacidade de seguir o ritmo.



Imagem 11 – Atividade da música

Penso que no geral os objetivos foram cumpridos, pois pela avaliação realizada através da observação direta e pelos registos realizados (registo fotográfico, grelha de observação, conversas, entre outros) pude constatar um bom envolvimento das crianças e um alto nível de bem-estar.

1.3.5. Percurso de desenvolvimento profissional

Primeiramente, em relação às dificuldades, de início foi-me difícil saber todo o reportório de músicas que a educadora cooperante cantava, pois eram músicas mais curtas e diferentes das do Pré-Escolar. Confesso que estava habituada a cantar para crianças do Pré-Escolar. Nos momentos da higiene também tive algumas dificuldades,

não propriamente na muda da fralda, mas sim nas interações com as crianças. Senti que apesar de ter uma atitude afetuosa falava pouco com as crianças. Considero que estas dificuldades foram sendo superadas ao longo das primeiras semanas. Fiquei a saber o repertório de músicas e ao longo dos dias conversei mais no momento da muda da fralda sentindo-me mais à vontade. Sei que é um momento importantíssimo, não só para criar uma ligação de afeto, bem como para os diálogos interativos que foram surgindo e, que assim, pude estimular as crianças para vocalizarem.

Tinha também algumas dúvidas sobre como devia atuar nas situações em que as crianças fazem birras (empurram, mordem ou batem). Até que ponto as crianças, nestas idades, devem ficar de “castigo”? É um assunto muito importante que quis pesquisar e aprofundar.

Segundo Cordeiro (2011), uma birra é a manifestação de uma multiplicidade de sentimentos, assim, para a compreender, é necessário perceber a sua relação com esses sentimentos, com a natureza individual e com as características globais da condição humana, nomeadamente as etapas de desenvolvimento.

As birras aparecem, com maior ou menor intensidade, entre os dezoito e os e quarenta e oito meses, com maior ocorrência entre os dois e três anos. Sucedem na fase em que a criança está a adquirir autonomia e a tentar dominar o ambiente (Gouveia, 2009, mencionando Harrington, 2004). Nestas idades as crianças apelam à birra, porque ainda não possuem ferramentas para lidar com a frustração. Não têm capacidade para compreender o futuro e adiar as suas vontades, a sua linguagem verbal é diminuta e têm poucas competências para resolver problemas (Gouveia, 2009, referindo Sears, 2006).

Brazelton (2013) refere que o morder, bater e arranhar, embora não sejam gratificantes são de esperar por volta dos doze meses. *Começam como comportamentos exploratórios, como se a criança tivesse a testar a sua capacidade. Estão ligadas a períodos de sobrecarga, quando ela está descontrolada* (p.180).

Por conseguinte, as crianças nestas idades estão num momento de início de conhecimento do outro, naturalmente centradas em si próprias e todas as interações entre elas se pautam pelas características do seu desenvolvimento.

Penso que compete ao adulto compreender e levar a criança a realizar estas aprendizagens de uma forma calma e serena, compreendendo que a criança está a fazer as suas primeiras aprendizagens sociais e que a forma de expressão motora é nestas idades muito importante.

Nos momentos seguintes, quando algo do género aconteceu, esperei um pouco para ver se as crianças resolviam o assunto entre elas. Se a situação prosseguisse separava as crianças e propunha uma outra forma de fazer, agarrando,

por exemplo, na mão das crianças dizendo-lhes que não se pode fazer mal e para darem uma festinha uma à outra.

De todos os momentos de rotina, no início, penso que os momentos de brincadeira e as canções foram fundamentais para criar interações com as crianças. Pude participar nas suas brincadeiras e, no momento das músicas, dancei com elas. Era um grupo que adorava música e foi fácil cativá-los.

Antes de referir as dificuldades sentidas na minha primeira planificação, quero mencionar, que para mim, a minha primeira estratégia, foi conquistar o afeto, o carinho e a segurança das crianças, pois sem isto, nada fazia sentido. Se não lhes transmitisse carinho e segurança, como poderia liderar o grupo? Simplesmente não podia! As crianças não iriam estar predispostas a interagir comigo, mostrando-se receosas.

Hohmann & Weikart, (2007, p.64), referem que

o clima afetivo na relação pedagógica, tem um grande impacto no desenvolvimento da criança. Pois quando a criança tem experiências com adultos e formas que conduzem ao aparecimento de sentimentos de confiança, autonomia e iniciativa, em lugar de desconfiança, vergonha, dúvida e culpa, tenderá a desenvolver atitudes e sentimentos de esperança, aceitação, força de vontade, e a capacidade e vontade para alcançar objetivos.

Deste modo, é pertinente referir que o tipo de relação que a criança estabelece com o educador, terá influência na sua vida, tanto ao nível das suas competências, como nas suas relações sociais. Identificando-se como uma figura de referência, o educador é visto como um exemplo. Assim sendo, se as relações criadas com o mesmo não forem organizadas, a criança tenderá a refletir este comportamento nas suas próprias relações com os outros. De facto, *esta ligação emocional primordial afecta diretamente aspetos chave da personalidade da criança, incluindo as suas capacidades de empatia, simpatia, e de resolução de problemas* (Hohmann & Weikart, 2007, p.65).

A criança nesta primeira etapa educativa encontra-se à procura de *um sentido de si e de uma compreensão sobre o resto do mundo* (Post & Hohmann, 2011, p.14). Deste modo, a criança precisa de estar rodeada por adultos que a que a amem, que a entendam, que a protejam, dando-lhe confiança e segurança, mas também concedendo-lhe espaço e tempo para esta exploração, apoiando-a e sendo um “porto de segurança” (Barata, 2014).

Segundo Barata (2014) uma criança que não tenha segurança no seu prestador de cuidados não será capaz de explorar o meio envolvente, ou não o fará de maneira eficiente. Isto ocorre porque a criança assimila que se algo correr mal durante

a exploração, o adulto não será competente para a ajudar a ultrapassar as dificuldades. Citando Post & Hohmann (2011, p.33) *sem a chama das relações de confiança, a criança fica oprimida pelo medo, tristeza ou mágoa e torna-se cada vez mais passiva e incapaz de pedir ajuda.*

Com respeito à minha intervenção, menciono em primeiro lugar os momentos de rotina, fundamentais em contexto de Creche. Citando, Portugal (s.d., p.9) *os cuidados de rotina são momentos importantes oferecendo oportunidades únicas para interações diádicas, e para aprendizagens sensoriais, comunicacionais e atitudinais. Quando as rotinas são agradáveis, as crianças aprendem que as suas necessidades e os seus corpos são importantes.* No primeiro momento, o acolhimento, dado que era sempre realizado pela educadora cooperante, tinha alguma expectativa. Não sabia até que ponto, tanto as crianças como os seus pais me iriam “aceitar”, visto ser a primeira semana de intervenção. Foi um momento bastante positivo para mim, uma vez que à chegada de cada criança e respetivos familiares, consegui uma boa interação, visto que, as crianças deram-me um abraço e algumas até um beijo. Em conjunto com a educadora cooperante, falei também com os familiares, sobre como as crianças tinham passado a noite e como tinha corrido o dia anterior. Foi maravilhoso sentir o carinho das crianças e o agradável contacto com as suas famílias. Nas restantes semanas, o procedimento foi o mesmo, sendo sempre um momento de muita afetividade e conversas com os pais das crianças.

No momento da bolacha e história, nos primeiros dias falhei ao insistir, algumas vezes, para a criança dizer o “dá” para receber a bolacha. Deveria perguntar e se a criança não respondesse, só voltaria a insistir no final, da distribuição da mesma. Passados poucos dias, as crianças disseram mais facilmente “dá”, pois perceberam que se não a pedissem, dava a bolacha a outra criança. Esta estratégia foi utilizada, para que, as crianças aos poucos comesçassem a verbalizar, para não correrem o risco de ficarem com preguiça linguística. Ao longo das semanas ocorreu uma evolução, pois já todas verbalizam a palavra “dá”, sendo que algumas já diziam “dá bolacha”.

Como refere Rigolet (2009, p.53),

a criança aprende a falar, ouvindo falar; do balbucio em que a criança tenta imitar os sons da linguagem do adulto, ela extrai pouco a pouco a compreensão dos significados; assim o adulto repete as mesmas palavras do dia-a-dia para designar objectos, ações e sentimentos.

As histórias contadas foram todas muito simples, com muitas imagens e poucas palavras. No geral, o livro dos animais, o dos brinquedos e o dos sons musicais, foram os mais apreciados pelo grupo, visto que algumas das crianças faziam

o som dos animais, de alguns brinquedos e imitavam a maneira de tocar dos instrumentos (maracas, xilofone, piano, viola e bateria).

Pelas onze horas era o momento das canções e da higiene. Foram cantadas diversas músicas, sempre que possível com gestos a acompanhar. Nas primeiras semanas, por vezes, algumas crianças já estavam com sono ou fome, ocorrendo algumas birras e aí tornou-se mais difícil ouvirem e cantarem as canções. Interagiram, mas não muito. No entanto, as crianças, nas últimas semanas, começaram a envolver-se mais, fazendo os gestos das canções e até foram as próprias a pedir as canções que queriam ouvir.

O momento da higiene era um momento bastante importante, dado que era um momento muito íntimo. Fui perguntando às crianças se tinham dormido bem, se estavam bem-dispostas, dando-lhes também carinho. Senti que as crianças se sentiam bem, participando nas interações.

Nos momentos das refeições auxiliei algumas crianças a comer, as que ainda não conseguiam pegar na colher, incentivando-as a pegar na mesma. Durante as refeições fui falando com as crianças e, aos poucos, tentando que algumas dessem mais um passo, o de se limparem sozinhas. Algumas já o faziam, mas poucas. Relativamente ao comer, todas comiam a sopa e o segundo prato. Em relação à fruta as crianças comiam-na sempre passada, mas nas duas últimas semanas de estágio, houve um progresso, começando a comer fruta aos pedaços. Quem não conseguia comê-la, comi-a passada.

Relativamente ao último dia de estágio, confesso que foi muito difícil. Sabia perfeitamente que o estágio era de dez semanas e que depois ir-me-ia embora. Supostamente devia estar preparada para o fim, ou pelo menos mentalizada para tal, mas sentia um carinho enorme pelas crianças. O afeto das crianças é algo inexplicável e, estando estas crianças numa fase em que todos os dias vão descobrindo o mundo, era muito gratificante para mim fazer parte dele. Sem dúvida que as atividades são importantes e foram planificadas com cuidado e de acordo com o grupo, mas para mim o que ainda foi mais importante foi o bem-estar e a segurança das crianças.

No momento da despedida, referi a cada criança que me ia embora. Mencionei que gostava muito delas, dando-lhes um beijo e um forte abraço. Foi um momento difícil, mas espero ter deixado as crianças tranquilas.

Em suma, tendo em conta o projeto implementado, de uma forma equilibrada, adequado aos interesses e necessidades das crianças, consegui ao longo do estágio, enquadrar sempre o tema nas atividades que foram desenvolvidas.

Consegui estabelecer com as crianças uma boa relação afetiva e promotora de autonomia, tendo sido este o meu grande objetivo. Procurei sempre envolver as crianças, despertando-lhes a curiosidade e o desejo de aprender.

Penso que, ao longo de todo o estágio, fui refletindo/avaliando as situações de uma forma muito clara. Nas conversas informais com a professora cooperante, fui referindo quais os motivos que estiveram na origem de determinadas dificuldades, conseguindo ser flexível na alteração das intervenções, de modo a uma resposta eficaz às necessidades e interesses das crianças.

Parte II – Apresentação do trabalho de pesquisa

1. A Expressão Motora e Formação Pessoal e Social em contextos de Educação Pré-Escolar e do 1.º Ciclo do Ensino Básico

1.1. Problematização do estudo

Durante as semanas de observação em contexto de estágio de Jardim de Infância, foi possível observar que nas atividades que envolviam jogo e brincadeiras, as crianças obtinham um nível de empenho e concentração mais elevado. Como já referido anteriormente, as crianças, aquando do momento de Expressão Motora vibravam e mostravam-se muito felizes com tal momento. No meu ponto de vista, o educador/professor deve, sempre que possível, partir dos interesses e necessidades das crianças. Assim, ao longo do estágio, foram desenvolvidos diversos momentos de Expressão Motora, trabalhando, conjuntamente, outras áreas do currículo, mais especificamente, a área de Formação Pessoal e Social, visto que o projeto implementado centrou-se nesta área (Segurança Rodoviária). Os principais objetivos eram, aquando das atividades de Expressão Motora, as crianças adquirissem certas regras (esperar pela sua vez, cooperação, prevenção de acidentes, entre outras).

No estágio de 1.º Ciclo, na segunda semana de observação, pude intervir e fazer uma atividade de Expressão Físico-Motora. Por a turma, no geral, não ter um comportamento mais adequado em sala de aula, pensei que iria ter problemas na gestão de grupo. No entanto, isso não aconteceu e a aula foi um sucesso. Então, pretendi a partir de atividades de Expressão Físico-Motora, trabalhar algumas regras sociais, para que a turma melhorasse o seu comportamento em sala de aula, adquirindo mais sentido de responsabilidade e respeito pelos outros.

Deste modo, tornou-se pertinente investigar uma questão relacionada com o papel da lecionação da Expressão Motora, nos contextos Pré-Escolar e 1.º Ciclo, respetivamente, e relacioná-las com as aprendizagens na área de Formação Pessoal e Social, nos dois contextos em estudo. Deste modo, a questão à qual pretendi investigar foi: Qual o papel da Expressão Motora na Educação Pré-Escolar e no 1.º Ciclo do Ensino Básico, no Desenvolvimento da Formação Pessoal e Social? Tendo como principais objetivos: identificar a importância da Expressão Motora no Jardim de Infância e no 1.º Ciclo; identificar o papel da Expressão Motora na Formação Pessoal e Social; compreender como é explorada a Expressão Motora no Jardim de Infância e no 1.º Ciclo e, por fim, caracterizar o papel da Expressão Motora como área transversal do currículo.

Para fundamentar esta questão, recorri a diversos autores, como Carlos Neto (1998), Isabel Condessa (2009), Don Hellison (2003), Aleksandra Liublinskaia (1979), David Gallahue (2002) entre outros.

2. Fundamentação teórica

2.1. A Expressão Motora e o Jogo em contexto Pré-Escolar

Nas OCEPE (1997), o domínio das expressões encontra-se na área da Expressão e Comunicação, sendo que, esta área engloba as aprendizagens relacionadas com o desenvolvimento simbólico e psicomotor, que definem a compreensão e o gradual domínio de diversas formas de linguagem. Relativamente às expressões descritas nas OCEPE (1997), aparecem diversos domínios, tais como, a Expressão Motora, a Expressão Dramática, a Expressão Plástica e a Expressão Musical. Como refere o ME/DEB (1997), cada expressão não pode ser considerada de forma completamente independente, isto porque complementam-se mutuamente, apesar de cada uma ter a sua especificidade própria. O domínio das diversas formas de expressão faz com que a criança vá conhecendo o seu corpo e experienciando diversos materiais, que poderá, explorar e manipular, tomando consciência de si próprio na relação com os objetos (ME/DEB,1997).

De acordo com o ME/DEB (1997) a criança quando inicia a educação Pré-Escolar já possui algumas habilidades motoras básicas, assim como, andar, manipular objetos de forma ou não precisa e ultrapassar obstáculos. Assim o domínio da Expressão Motora deve proporcionar ocasiões de exercícios da motricidade global e, igualmente, da motricidade fina, de modo a que as crianças utilizem e dominem melhor o seu corpo.

O centro da vida ativa das crianças é o próprio movimento. É uma parte essencial de todos os aspetos do seu desenvolvimento, seja no domínio cognitivo, motor ou afetivo do ser humano. Impossibilitar às crianças a oportunidade de obter muitos benefícios de uma atividade física frequente e robusta, é impossibilitar-lhes a oportunidade de sentirem a alegria do movimento, os efeitos saudáveis do movimento e uma vida inteira como seres confiantes e competentes (Gallahue, 2002).

É do senso comum que as crianças encaram a atividade física como uma pequena brincadeira. Apesar da existência de regras, às quais não estão tão habituadas quando brincam umas com as outras, o jogo acaba por ser um divertimento e, de forma inconsciente, uma aprendizagem a vários níveis.

Como refere Condessa (2009) através da atividade do brincar, em que a expressão, o movimento e a criatividade são privilegiados, a criança adquire também

um conjunto de regras e valores sociais dos seus comportamentos que lhes possibilita adaptar-se à sua cultura e iniciar-se numa prática desportiva, cultural e artística.

O jogo é um dos principais tipos de atividades (...) que ocupa um lugar especial na vida das crianças (...). Através do jogo, o educador integra a criança na coletividade, alarga e define os seus conhecimentos e forma as mais apreciadas qualidades morais e volitivas do indivíduo que cresce (Liublinskaia,1979, p.121).

A interação entre o adulto e a criança que surge no jogo, faz com que o adulto estimule na criança capacidades cognitivas de concentração, de atenção, de imaginação e manipulação, de investigação e orientação, entre outras. Na medida em que a criança vê o adulto, e não só o brinquedo ou o objeto, como fonte de estímulos (Fonseca, 2005).

O jogo é também um instrumento de avaliação fundamental na Educação de Infância. Enquanto as crianças brincam, parecem mostrar níveis de competência que são, na maioria das vezes, mais elevados do que apresentados noutros contextos. Na verdade, Vygotsky (1978) mencionado por Pellegrini & Boyd (2002, p.253) *considerou o jogo como o melhor exemplo do modo de as crianças operarem na zona de desenvolvimento proximal: enquanto brincam as crianças exibem níveis mais elevados do que geralmente são capazes de exibir.*

A forma como se organiza o equipamento no espaço também é fundamental para a construção de um ambiente adequado à aprendizagem motora na infância. O educador/professor deve ser o mediador e facultar às crianças os equipamentos e materiais, consoante as necessidades e o seu nível de desenvolvimento. Citando Condessa (2009, p.42) *a organização do espaço e o seu apetrechamento com equipamentos e materiais (específicos ou adaptados da vida corrente) são tarefas fundamentais para a construção de um ambiente adequado à aprendizagem motora na infância.*

2.2. A Expressão e Educação Físico-Motora e o Jogo em contexto de 1.º Ciclo

Na Organização Curricular e Programas do Ensino Básico (OCPEB, 2004) a área das expressões está dividida pela Expressão e Educação: Físico-Motora, Musical, Dramática e Plástica.

Segundo o ME/DEB (2004) a área da Expressão e Educação Físico-Motora, visa desenvolver situações benéficas ao desenvolvimento social da criança, particularmente pelas situações de interação com os companheiros, intrínsecos às atividades próprias da Educação Física, tal como os processos de aprendizagem.

As crianças manifestam uma forte predisposição por desenvolver brincadeiras e, muitas delas estão associadas a aprendizagens que se vão fortalecendo ao longo do tempo.

Durante o período da educação de infância e do 1.º Ciclo do Ensino Básico as crianças sofrem uma grande mudança que se repercute nas diferentes áreas do seu desenvolvimento – físico, mental, espiritual, moral e social. A educação física, sendo uma área de intervenção no campo da recreação e das expressões, assume um valor inquestionável, reconhecimento que se manifesta quer quanto às competências que se querem ampliadas, quer quanto ao processo de vivência e fruição que se pretende proporcionar.

(Condessa, 2009, p.38)

As crianças e os jovens gostam do jogo e de desporto porque *a linguagem do corpo é o instrumento de comunicação privilegiado pela criança, um importante fundamento da harmonia experienciada pelos mais jovens. Todos os que viveram a infância, sem limites, sem constrangimentos, o compreendem* (Marques, 2005, p.116).

A atividade física tem várias valências, uma delas é a forte interação social a que a criança está exposta. Tendo em conta que nas primeiras idades da infância a criança ainda está na fase de perceber o que a envolve e a compreender-se a si própria, essa exposição é imprescindível. Segundo Vayer & Trudelle (1999 p.68) *a acção é o princípio dinâmico de todo o conhecimento, mas é a sua inserção no mundo dos outros que lhe dá significado, o que quer dizer que o sujeito só pode conhecer e reconhecer-se através do desenvolvimento de intercâmbios com as outras pessoas.*

Assim sendo, é importante a integração da atividade física no quotidiano da criança, para que desta forma seja proporcionado uma maior integração da criança na sociedade e enquanto membro de um coletivo.

Deste modo, as crianças, nesta fase escolar, deverão vivenciar, a partir da Expressão Físico-Motora, um conjunto de experiências de (...) *carácter lúdico, numa atitude e ambiente pedagógico de exploração e descoberta de novas possibilidades de ser e realizar(-se)* (ME/DEB, 2004, p.37).

Tendo em conta que é nestas idades que existe uma maior predisposição, nas crianças, para assimilar matérias utilizando estratégias mais lúdicas, dever-se-á utilizar o jogo como forma pedagógica de introdução, desenvolvimento e consolidação de aprendizagens importantes na evolução da criança tanto ao nível académico como social e psicológico.

Neto (1998) refere que a existência de ambientes lúdicos em situações de aprendizagem escolar possibilita que as crianças consigam de forma mais simples, assimilar conceitos e linguagens progressivamente mais abstratos. Deste modo, *o jogo*

pode ter uma utilização pedagógica com uma linguagem universal e um poder robusto de significações nas estratégias de ensino-aprendizagem (Neto,1998, p.24, cit. in Azevedo, Van der kooij & Neto,1997).

2.3. A Formação Pessoal e Social em contexto Pré-Escolar e 1.º Ciclo

Nas OCEPE (1997), a área da Formação Pessoal e Social é considerada uma área transversal, visto que, todas as componentes curriculares deverão contribuir para promover nos alunos atitudes e valores, que lhes possibilitem formarem-se cidadãos solidários e conscientes, qualificando-os para a resolução dos problemas da vida.

A Formação Pessoal e Social, na OCPEB (2004), está subdividida por áreas curriculares não disciplinares (área de projeto, estudo acompanhado e formação cívica), área curricular disciplinar de frequência facultativa (Educação Moral e Religiosa) e atividades de enriquecimento. Naturalmente todas as áreas são fundamentais para a evolução do aluno. No entanto, é de salientar a área de Formação Cívica, visto privilegiar o desenvolvimento da educação para a cidadania, que visa a formação de cidadãos críticos, intervenientes, ativos e responsáveis. Sendo a cidadania uma área transversal ao currículo, deve ser desenvolvida, não só na formação cívica, bem como nas outras áreas curriculares.

2.4. A Educação Física como área transversal do currículo

O trabalho transversal permite a construção articulada do saber – o que implica que as diferentes áreas a contemplar não deverão ser vistas como compartimentos estanques, mas abordadas de uma forma globalizante e integrada (ME/DEB, 1997, p.14).

A Educação Física para além de promover a atividade física, *assegura, também condições favoráveis ao desenvolvimento social da criança, principalmente pelas situações de interação com os companheiros, inerentes às actividades (matérias) próprias da E. F. e aos respectivos processos de aprendizagem* (ME/DEB, 2004, p. 35). Esta noção está intrínseca com o que é proposto na OCPEB (2004), no domínio do *bloco 4 – Jogos*, visto que, as crianças ao cooperarem com os companheiros em situação de jogo adquirem determinadas regras, ajudando e respeitando os colegas de equipa e, por sua vez, abordando os adversários com cordialidade.

Como refere Guimarães (2005), para quem intervém em Educação Física, principalmente nas primeiras idades, deverá perceber, que a aprendizagem, por parte da criança, de habilidades motoras, de conhecimentos e técnicas, não deve ser considerada como finalidade em si mesma, mas sim, como componente de uma dinâmica de afirmação da pessoa no meio social. Deste modo, é necessário criar

dinâmicas transversais, em que as atividades potenciem a transversalidade dos processos de aprendizagem. Cabe assim, ao educador/professor, propor atividades que promovam a transversalidade e, por conseguinte, o desenvolvimento da criança em diversas áreas (Guimarães, 2005).

Num ambiente em que se promove a valorização do Ego através da Educação Física, a criança cria uma boa relação com o seu corpo e, por conseguinte, a atividade física é realizada com grande harmonia. Sendo assim, o gosto pela prática de Educação Física desenvolve-se e, ao mesmo tempo, a criança desenvolve as suas relações sociais (Guimarães, 2005).

Como refere (Guimarães 2005, p. 16), *a Assunção de Responsabilidade, a Cooperação e a Entreatajuda são valores igualmente fundamentais* numa sessão de Educação Física. O facto de as atividades serem realizadas em grupo, exige que se adotem regras de convivência e o respeito pelo outro.

Hellison (2003) investigou durante alguns anos, como é que os professores estimulavam os alunos para o desenvolvimento de atitudes de responsabilidade pessoal e social através da atividade física. Desde modo, Hellison (2003, p.32) criou cinco metas em que, através da atividade física deve-se promover a responsabilidade pessoal e social da criança/jovem:

1.ª Respeito pelos direitos e pelos sentimentos dos outros:

- Autocontrolo;
- Envolvimento pacífico na resolução de conflitos;
- Inclusão (participação de todo o grupo numa atividade) e cooperação.

2.ª Esforço e cooperação:

- Automotivação;
- Exploração do esforço e a aquisição de novas tarefas;
- Convivência.

3.ª Auto-Direcção:

- *Independência nas tarefas;*
- *Determinar metas de progressão;*
- *Coragem para resistir à pressão dos pares.*

4.ª Ajudar os outros e liderança:

- *Carinho e compaixão;*
- *Sensibilidade e capacidade de resposta;*

- *Deter uma autêntica força interior.*

5.^a *Fora do ginásio:*

- Tentar estes conceitos fora do ginásio e do programa de Atividade Física;
- Ser um exemplo positivo para os outros, especialmente para com as crianças.

Segundo Hellison (2003), com estas metas, os alunos vão progressivamente adquirindo as aprendizagens propostas para a aquisição da responsabilidade pessoal e social, sendo que, nem sempre a sua progressão se desenvolve de uma forma linear.

Sendo assim, a Educação Física tem um papel fundamental como área transversal, proporcionando à criança o desenvolvimento de inúmeras competências, tanto a nível pessoal como social.

3. Metodologia de Estudo

3.1. Método de Investigação

A investigação no geral trata-se de um processo de estruturação do conhecimento, tendo como objetivos principais alcançar um novo conhecimento ou confirmar algum conhecimento que já existe. Deste modo, é portanto, um processo de aprendizagem, tanto para o indivíduo que a concretiza, como também para a sociedade em geral (Sousa & Baptista, 2011). Segundo Arends (1997), tal como diversas atividades humanas complexas, a investigação orienta-se por um conjunto de regras, tendo uma linguagem específica, podendo parecer bastante complicada para o principiante. Estudar/aprender com base na investigação requer a compreensão da linguagem e dos métodos utilizados pelos investigadores, e consecutivamente, saber o que fazer com a informação resultante desta.

Segundo Arends (1997), quando os docentes se envolvem numa investigação na sala de aula, esta geralmente pode obter a denominação de investigação-ação. Em muitos domínios a investigação-ação é igual a qualquer tipo de investigação. *Consiste num processo de colocar questões, procurar respostas válidas e objetivas e, de interpretar e utilizar os resultados. Contudo difere de outros tipos de investigação pelo facto de ter como objetivo produzir informação e conhecimentos válidos que tenham aplicação imediata* (Arends, 1997, p.525). Os docentes que fazem investigação, ao contrário de outros investigadores, têm mais interesse em alcançar conhecimento relativo a uma situação específica (na sua sala de aula) do que referente a aplicações de carácter mais geral. Assim, a investigação-ação orienta-se pelas normas e

processos da investigação científica, contudo, não tem como objetivo criar conhecimento para as comunidades científica e educacional, mas sim, pelo contrário consiste num processo de aquisição de informação e conhecimento para ser colocado ao serviço do docente/investigador que o executa (Arends,1997).

A investigação-ação segundo Coutinho (2005) (referido por Coutinho, Sousa, Dias, Bessa, Ferreira & Vieira, 2009) é prática e interventiva, visto que não se rege ao campo teórico, a relatar um facto, mas sim intervém nesse mesmo facto. Fazer investigação-ação implica planear, atuar, observar e refletir mais cuidadosamente naquilo que faz no quotidiano, no sentido de aperfeiçoar as práticas (Zuber-Skerrit, 1996, mencionado por Coutinho, et al 2009). Lomax (1990) define a investigação-ação como *uma intervenção na prática profissional com a intenção de proporcionar uma melhoria* (cit. in Coutinho, et al., 2009, p.360).

Assim sendo, a metodologia utilizada foi uma investigação-ação, visto que, foi desenvolvida durante os estágios de Pré-Escolar e de 1.º Ciclo, de forma a dar resposta às minhas questões. O motivo da escolha destes participantes prendeu-se com uma questão de proximidade em termos de localização geográfica, bem como serem locais de estágio.

4. Técnicas de recolha de dados

No decorrer da minha intervenção, nos contextos de estágio do Pré-Escolar e do 1.º Ciclo, relativa à minha questão, o estudo teve várias fases e técnicas na recolha de dados. É de referir que a investigação utilizada foi de cariz qualitativo (descritivo e indutivo). Segundo Sousa & Baptista (2011) a investigação qualitativa baseia-se na compreensão dos problemas, analisando os comportamentos, os valores ou as atitudes. A preocupação com a extensão da amostra não existe, nem com a generalização dos resultados, não se colocando a questão da validade e da credibilidade dos instrumentos, como ocorre na investigação quantitativa.

A primeira técnica da recolha de dados surgiu na observação, sendo um processo contínuo e fundamental para conhecer cada criança. Como referem Oliveira-Formosinho & Formosinho (2011), a observação é um processo contínuo, pois necessita do conhecimento de cada criança, no seu processo de aprendizagem e desenvolvimento. Também Parente (s.d., p.6) salienta que *a observação cuidada das crianças permite revelar a singularidade de cada criança, ajuda a conhecer o seu temperamento, pontos fortes, as características, a forma como se relaciona com os outros.*

Como tal, estando presente diariamente com o grupo a observação realizada aconteceu na forma de observador participante. Segundo Flick (2005, p.142, cit. in Denzin, 1989) *a observação participante define-se como uma estratégia de campo que combina vários elementos: a análise documental, a entrevista de sujeitos e informantes, a participação e a observação directas, e a introspecção*. Como refere Sousa & Baptista (2011), neste tipo de observação, o investigador vivencia os acontecimentos e, mais tarde, fará os registos dos mesmos, de acordo com a sua perspetiva.

Assim sendo, os dados do estudo foram sendo registados através dos diários de bordo e grelhas de observação. Segundo Zabalza (1994) deve-se situar os diários num contexto metodológico e conceptual, que os relacione com a investigação qualitativa, com a reflexão do professor e com as atividades que exerce. Como refere Arends (1997), os diários ou as notas constituem um método de recolha de informação sobre os acontecimentos em sala de aula e sobre a atitude do docente e do aluno. As observações devem ser passadas de imediato após o acontecimento ocorrer, sendo fundamentais se forem planeadas em função de um conjunto de questões, previamente elaboradas.

No que diz respeito à segunda técnica de recolha de dados recorri às entrevistas semiestruturadas dirigidas à educadora cooperante do contexto de estágio do Pré-Escolar e à docente cooperante do contexto de estágio do 1.º Ciclo. Segundo Sousa & Baptista (2011) a entrevista semiestruturada já tem um guião, com um conjunto de perguntas ou tópicos a abordar na entrevista. Dá, também a liberdade ao entrevistado, mas sem o deixar fugir muito acerca do tema. O guião pode ou não ser memorizado. Assim sendo, para efetuar as entrevistas realizei um guião com um conjunto de perguntas, dando maior liberdade às entrevistadas.

As entrevistas tiveram como principais objetivos: conhecer e compreender como é explorada a Expressão Motora no Pré-Escolar e no 1.º Ciclo; identificar o papel da Expressão Motora na Formação Pessoal e Social; caracterizar o papel da Expressão Motora como área transversal do currículo e, identificar a importância da Expressão Motora no Pré-Escolar e no 1.º Ciclo.

5. Projeto de intervenção

5.1. Em contexto de Pré-Escolar

Durante o desenvolvimento das atividades, pude observar que a aprendizagem através do jogo estava patente nesta faixa etária. Partindo deste pressuposto e, em conversa informal com a educadora cooperante, o jogo e a Expressão Motora tinham

sido pouco desenvolvidos até então. Por conseguinte, tinha como objetivo colmatar essas necessidades, implementando atividades, partindo da área de Expressão Motora, realizando a transversalidade com a Área de Formação Pessoal e Social, visto o tema do projeto implementado ter sido a Segurança Rodoviária.

Em conversa informal com a educadora cooperante, ficou patente que o período de estágio não era muito extenso, logo o desenvolvimento do meu projeto começou na minha primeira semana de estágio. Sendo assim, o projeto de intervenção teve quatro sessões, com exercícios de jogos de movimento, que como refere o ME/DEB (1997), estes jogos *são ocasiões de controlo motor e de socialização, de compreensão e aceitação das regras e de alargamento da linguagem* (p.59). No entanto, irei descrever apenas três, pois foram as atividades mais relevantes no que respeita às aprendizagens das crianças. Deste modo, o projeto de intervenção teve como principais objetivos a promoção de atitudes e valores e a aquisição de regras (saber esperar pela sua vez; respeitar as regras do jogo; compreender e executar uma ou mais ordens, entre outros). Tendo como tema do projeto desenvolvido no decorrer do estágio a Segurança Rodoviária, foram trabalhados, igualmente, objetivos acerca da prevenção de acidentes, tais como: distinguir diferentes sinais de trânsito e relações no espaço (lateralidade).

No final do dia, era realizada uma pequena reflexão, para ouvir a opinião das crianças sobre o que tinham gostado mais, o que menos tinham gostado e o que tinham aprendido. Este momento era fundamental para complementar a minha observação, dando também oportunidade ao grupo para falar. Como menciona o ME/DEB (1997) avaliar com as crianças, são momentos de participação das crianças e formas de desenvolvimento cognitivo e da linguagem, seja individualmente, em pequeno grupo, ou mesmo em grande grupo.

5.1.1. Atividades implementadas

1.ª Sessão

Na primeira sessão, primeiramente dividi o grupo. Escolhi 12 crianças (com 5 anos e algumas de 4) para a atividade e as restantes ficaram pelas diversas áreas, isto porque, os exercícios tinham níveis de exigência diferentes. Ao som de uma música, comecei por fazer um aquecimento. As crianças andaram, correram para trás e para a frente e, por



Imagem 12 – Gincana

fim, andaram livremente pelo recinto. Posteriormente, passei para o primeiro exercício. Coloquei no recinto seis pinos e um sinal de rotunda. Exemplifiquei primeiro o exercício e só depois estas o realizaram. Tinham que fazer zig zag entre os pinos e depois dar a volta pela rotunda. Primeiro a andar, depois ao pé-coxinho, a seguir aos saltos e, por último, a correr.

No segundo exercício, estava na expectativa se as crianças iriam conseguir realizá-lo, pois tinham que seguir o sentido das setas e, o percurso (desenhado previamente com giz) ainda era um pouco extenso. No entanto, todas as minhas expectativas foram superadas. Ao fim de 30 minutos foi realizada a troca dos grupos.



Imagem 13 – Jogo das Setas

Com o grupo dos mais novos (3 e 4 anos) os exercícios foram os mesmos, mas com um grau de intensidade inferior. Metade do grupo teve dificuldade em fazer o zig zag, visto que, passavam por dois pinos (seguiram em frente.) No entanto, conseguiram dar a volta á rotunda pelo sentido correto. No outro exercício, o percurso foi mudado para um grau de exigência inferior. No entanto, só algumas crianças o conseguiram fazer de forma correta. Então, coloquei-os em pares, juntando as crianças que não tinham conseguido às que conseguiram realizar o exercício.

2.ª Sessão

Na segunda sessão, primeiramente levei o grupo de 3 anos e mais cinco crianças de 4 anos para o polivalente. O restante grupo ficou nas áreas de construção e pintura. Primeiramente comecei por fazer um breve aquecimento (pés, joelhos, braços e



Imagem 14 – Jogo dos Arcos

pescoço). De seguida, inseri o Jogo dos Arcos. Coloquei vários arcos (de cor vermelha, amarela e verde) ao longo do polivalente, tendo comigo três semáforos. Cada um dos semáforos tinha a respetiva cor, vermelho, amarelo e verde. Exemplifiquei ao grupo o que era pretendido. Com os arcos distribuídos pelo polivalente, as crianças tinham que se deslocar para o arco da cor que representava o semáforo. Ou seja, quando mostrasse uns dos semáforos, por exemplo, o de cor

vermelha, as crianças tinham que se deslocar para os arcos de cor vermelha, e assim, sucessivamente.

No segundo jogo, voltei a fazer o mesmo exercício da primeira sessão. As crianças tinham que fazer um circuito (passar em zig zag por diversos pinos e contornar o sinal da rotunda). Três crianças tiveram dificuldade em fazer o percurso e saltar ao pé-coxinho. Não conseguiram fazer o zig zag. No entanto, depois de algumas repetições conseguiram fazê-lo. Terminado o exercício, levei as crianças à sala e distribuía-as pelas áreas de construção e pintura.

De seguida, foi a vez do grupo de 5 anos e o restante grupo de 4 anos realizar o momento de Expressão Motora. Fiz exatamente o mesmo aquecimento e o Jogo dos Arcos, mas o segundo exercício foi diferente. Inseri o Jogo das Setas. Um jogo, igualmente, conhecido pelas crianças, visto ter sido realizado na primeira sessão. Contudo, aumentei o nível de complexidade. As crianças aderiram muito bem aos dois jogos. Estiveram entusiasmadas e não queriam terminar.

3.ª Sessão

Por fim, na terceira sessão, mais uma vez comecei por dividir o grupo, mas desta vez, sem ser por idades. Não só porque os exercidos tinham o mesmo nível de exigência, bem como queria que as crianças mais novas pudessem estar com as mais velhas e vice-versa.



Imagem 15 – Gincana

Como refere nas OCEPE (1997), a

interação entre crianças em níveis de desenvolvimento distintos e com variados saberes, é facilitadora da aprendizagem e do desenvolvimento das mesmas. De seguida, metade do grupo ficou pelas áreas e a outra metade veio comigo para o polivalente. Primeiramente fiz uns exercícios de aquecimento e depois passei para os jogos. O primeiro jogo foi uma Gincana. Foram utilizados arcos, pinos e os sinais de trânsito. As crianças tinham que se deslocar pelo circuito, previamente construído (fazer zig zag pelos pinos, dar a volta à rotunda e, por fim, agarrar em vários arcos e passarem por eles). Antes de dar início ao exercício, exemplifiquei como se realizava.

O segundo jogo fora o Quadrado Mágico. Ao longo do polivalente, fiz quatro quadrados, de cores diferentes, com os blocos das construções. Dividi o grupo em 4 e dei um nome a cada grupo (avião, carro, barco e triciclo) e expliquei e exemplifiquei o que tinham que fazer. O objetivo do jogo era que as crianças não se esquecessem do nome atribuído e as cores que estavam nos blocos. Ao som de uma música, tinham

que se deslocar pelo polivalente. Quando referia o nome e a cor do quadrado, as crianças tinham que se dirigir para este. Passados os 30 minutos, houve a troca de grupos. Os jogos foram os mesmos e, igualmente, o restante grupo foi dividido pelas áreas.



Imagem 16 – Jogo do Quadrado Mágico

5.2. Em contexto de 1.º Ciclo

Nas semanas de observação pude observar que alguns elementos da turma tinham um comportamento menos adequado. Simplesmente não cumpriam as regras da sala. Comiam, passeavam e jogavam à bola dentro da sala, estavam sempre a conversar, perturbando, assim o restante grupo. Ao falar com a docente cooperante, esta mencionou que estes gostavam muito de fazer Expressão Físico-Motora. No entanto, lamentou o facto de nas últimas semanas não ter conseguido trabalhar o quanto desejava esta área, sendo mais trabalhada nas AEC's. Assim, tal como no primeiro estágio, parti da área de Expressão Físico-Motora, realizando a transversalidade com a área de Formação Pessoal e Social.

Mais uma vez, sabendo que o período de estágio não era muito extenso o desenvolvimento do meu estudo começou na primeira semana de intervenção. Deste modo, o projeto implementado teve quatro sessões, com o domínio dos jogos, e como refere o ME/DEB (2004) tendo como objetivos os alunos cooperarem *com os companheiros nos jogos e exercícios, compreendendo e aplicando as regras combinadas na turma, bem como os princípios de cordialidade e respeito na relação com os colegas e o professor* (p.39). Deste modo os objetivos do projeto foram: respeitar as regras do jogo; respeitarem-se mutuamente; compreender e executar uma ou mais ordens; partilhar ideias, sensações e sentimentos pessoais e, ouvir os outros, esperando pela sua vez, respeitando o tema.

Em suma, a finalidade do projeto era que, a partir destas sessões os alunos adquirissem certas regras, e consecutivamente, uni-los enquanto turma e, por sua vez, terem um comportamento mais adequado. *Se as regras criam as condições necessárias às aprendizagens colectivas e as restabelecem quando essas condições são postas em causa, elas desempenham um papel de regulação funcional, harmonizando o sistema normativo e o sistema produtivo da aula* (Estrela, 1994, p.52).

Após cada sessão de Expressão Motora, existiu um momento de reflexão, para falarem acerca dos jogos e das atitudes tomadas. Nas duas primeiras sessões foram

realizadas assembleias de turma e nas últimas duas, foi efectuada uma reflexão logo no recinto dos jogos. A justificação desta mudança está descrita já no próximo tópico, na terceira sessão.

5.2.1. Atividades implementadas

Primeiramente é de salientar que em todas as sessões os jogos realizados foram sempre os mesmos, à exceção de um deles, visto ter sido realizado só na primeira sessão. Contudo ao longo das sessões foram implementados objetivos e variantes diferentes.

1.ª Sessão

Antes de começar a sessão, referi que quem não cumprisse as regras estabelecidas, não faria mais nenhum jogo naquele dia. Ou seja, quem não colaborasse com os colegas, respeitasse a sua vez e gerassem conflitos, não jogavam mais naquele momento.

Primeiramente, fiz um pequeno aquecimento com a turma inserindo o Jogo dos Sinais (parar, em círculo e em linha.) Ou seja, quando fazia o sinal de parar, a turma tinha que parar. No sinal do círculo tinham que reunir no meio do recinto em forma de círculo. Por fim, no sinal em linha, tinham que se colocar numa linha que eu indicasse. Depois dos sinais aprendidos pelos alunos, estes sinais



Imagem 17 – Estafetas

foram utilizados ao longo dos jogos (reunir em círculo, juntar à linha para escolher as equipas e parar sempre que necessário). De seguida, a turma foi dividida em quatro grupos realizando o Jogo das Estafetas. Ao longo do jogo aconteceram diversas variantes (correr, saltar, de costas e a andar).

No segundo jogo, a turma foi dividida em quatro equipas. O recinto foi dividido em dois. As equipas tinham que fazer dez passes consecutivos sem deixar a bola cair no chão.



Imagem 18 – Jogo dos Passes

No terceiro jogo, a turma foi, também, dividida em 4 grupos. Cada grupo tinha uma colher e uma bola. Tinham que efetuar um percurso com a colher na mão e a bola dentro desta. Existiram várias variantes (correr, de costas e a andar).

Por fim, no último jogo, a turma foi dividida em dois. Realizam o Jogo do Mata. Com uma bola tinham que acertar no adversário. Para isso, foram colocados dois alunos, um em cada ponta do campo, sendo estes os piolhos. As equipas tinham que passar a bola ao seu piolho, e depois o piolho atirava a bola contra o adversário. A equipa vencedora era aquela que conseguisse “matar” todos os elementos da equipa contrária. Ganhava a equipa que “matasse” primeiro todos os piolhos.



Imagem 19 – Jogo do Mata

Posteriormente, foi realizada uma assembleia de turma, onde foi eleito um secretário e um presidente. Primeiramente, perguntei se sabiam o que era uma assembleia de turma. Como nenhum aluno sabia, mostrei fotografias de assembleias e depois expliquei que uma assembleia de turma servia para discutir alguns assuntos, tendo que o presidente decidir quem falava e o secretário escrever o que essas mesmas pessoas falavam. Assim, disse que o tema principal era sobre a atividade de Expressão Físico-Motora e tinha como perguntas base: se todos se respeitaram; se cumpriram as regras do jogo e se respeitaram a sua vez. De seguida, os alunos falaram e deram a sua opinião tanto sobre os jogos, como também das atitudes dos colegas. Contudo, foi necessário eu começar a falar e a relembrar o que se tinha realizado.

2.ª Sessão

Na segunda sessão de Expressão Físico-Motora, os jogos foram iguais aos da primeira sessão, à exceção do jogo da colher, por forma a turma usufruir mais dos outros jogos.

Ficou visível a satisfação dos alunos, mas mais dos rapazes, nos diferentes jogos. Queriam por tudo que durante a semana se realizasse mais um momento destes.

Relativamente à assembleia de turma, mais uma vez, o grupo necessitou que eu perguntasse se todos respeitaram as regras e para darem a sua opinião acerca dos jogos. As raparigas referiram que ficaram um pouco tristes, visto que a maioria dos rapazes, tanto no Jogo dos Passes, como no Jogo do Mata não lhes passaram a bola.

Foi um facto, apesar de ter parado os jogos, algumas vezes, para os chamar a atenção.

3.ª Sessão

Na terceira sessão, os jogos foram os mesmos. Tinha como objetivo, que os rapazes interagissem mais em jogo com as raparigas. Referi que como equipa são um grupo, e por conseguinte, têm que se manter unidos, seja qual for a pessoa. Rapaz ou rapariga, todos têm o direito de participar e de se ajudarem mutuamente.

Nesta semana, aconteceram alguns conflitos, durante o Jogo do Mata. Alguns elementos da equipa que estava a perder, não geriu muito bem esse facto e começaram a discutir uns com os outros. De início, esperei para que resolvessem entre si, mas tal não foi possível, visto que existiram também alguns empurrões.

Nesse momento, referi para fazerem uma roda e para estarem uns minutos calados e a pensar sobre o que tinha acontecido. Decidi não fazer uma assembleia, pois nas outras duas, deparei-me que os alunos falaram pouco, sendo eu a colocar as questões. Considero que o intervalo após a sessão e, posteriormente irem para dentro da sala, também não ajudava. Então, decidi realizar deste modo.

Após uns minutos calados, pedi ao grupo para falar sobre o que tinha acontecido. Todos falaram e deram a sua opinião, não só sobre os jogos mas também os conflitos existentes. Os alunos envolvidos nesses conflitos expressaram a sua opinião, já com um sentimento de arrependimento. O que para mim foi bastante positivo, pois conseguiram falar e aperceberam-se que os seus comportamentos não foram adequados.

4.ª Sessão

Na quarta e última sessão, comecei por dizer aos alunos que iria ser o último momento de Expressão Físico-Motora. Os jogos foram os mesmos, visto que existiam alguns pontos a ser corrigidos. No Jogo do Mata, tinha existido alguns conflitos, e os rapazes jogavam muito entre si, deixando as raparigas um pouco de parte. Este ponto já tinha sido trabalhado anteriormente, melhorou um pouco mas, queria mais.

Antes de dar início aos jogos, disse aos rapazes para participarem mais com as raparigas e para desfrutarem do momento, pois eram um pouco raros.

A sessão correu muito bem. Os rapazes colaboraram com as raparigas e no Jogo do Mata, não existiram conflitos. Constatei, que os alunos ajudaram-se e apoiaram-se. Para mim, foi um momento muito importante, visto que, ao longo destas sessões, foram propostos objetivos, para estes adquirirem determinadas regras e, principalmente que se respeitassem.

6. Análise e discussão dos dados

Miles e Huberman (1994, p.24) têm por definição o conceito de análise e discussão dos dados como a *estruturação de um conjunto de informações que vai permitir tirar conclusões e tomar decisões* (citado por Sousa & Baptista, 2011, p.110). Como refere Sousa & Baptista (2011) o importante na investigação *não é fazer com que os dados recolhidos vão ao encontro das expectativas iniciais do investigador, mas sim, relatar os dados obtidos da investigação* (p.111). Sendo assim, o investigador deve estar aberto a novas possibilidades e ser capaz de aceitar as explicações alternativas àquelas que esperava. Deste modo, é pertinente que o investigador realize uma análise cuidadosa acerca dos dados recolhidos, não se deixando influenciar pelas suas expectativas.

Uma vez que foram utilizadas diferentes técnicas de recolha de dados, primeiramente procederei à análise dos dados recolhidos através da observação participante e, por sua vez, aos registos das grelhas de observação¹ e dos diários de bordo, de modo a poder realizar a análise e discussão dos dados. Através da observação pude, não só colocar em prática o projeto de intervenção, bem como realizar as minhas ilações acerca da minha questão. As atividades implementadas foram de grande importância e relevância para refletir e interpretar os dados recolhidos.

6.1. Análise e discussão dos dados em contexto de Pré-Escolar 1.ª Sessão

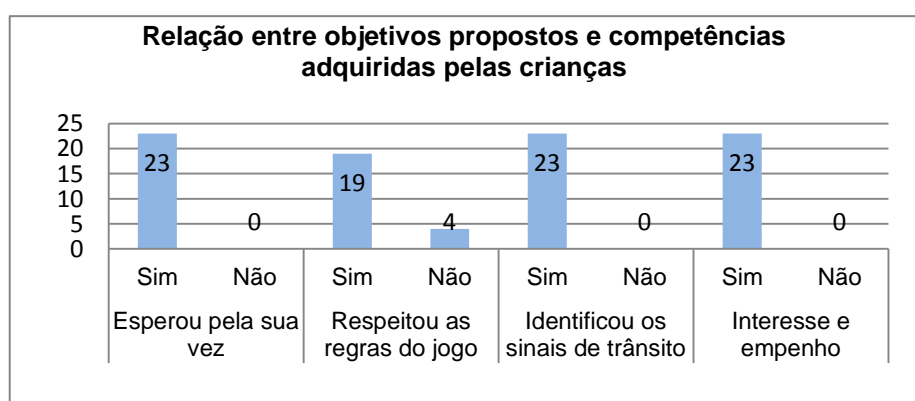


Gráfico 1 – 1.ª Sessão

A primeira sessão de Expressão Motora permitiu-me analisar que a maioria das crianças adquiriu as competências propostas. Nos objetivos esperar pela sua vez, identificar os sinais de trânsito e interesse e empenho, todas as crianças realizaram-nos com sucesso. Relativamente ao respeitar as regras do jogo, quatro crianças não o

¹ Em Anexo A - Grelhas de Observação das sessões de Pré-Escolar e do 1.º Ciclo

fizeram de forma correta. No entanto, e como mencionado, anteriormente, na descrição da atividade, com a ajuda do colega, fazendo este de guia, conseguiram realizar o exercício. Pude constatar que o grupo manteve-se sempre muito empenhado e interessado ao longo da sessão. Mesmo as crianças que tiveram mais dificuldades na realização dos exercícios não desmotivaram, mostrando-se agradadas com a ajuda dos colegas.

No final do dia, na avaliação realizada com o grupo, ficou patente que as crianças gostaram de fazer o momento de Expressão Motora, salientando que queriam repeti-lo e que *tinha sido muito engraçado dar a volta à rotunda*. O exercício de eleição por parte destas foi o percurso com as setas.

2.ª Sessão

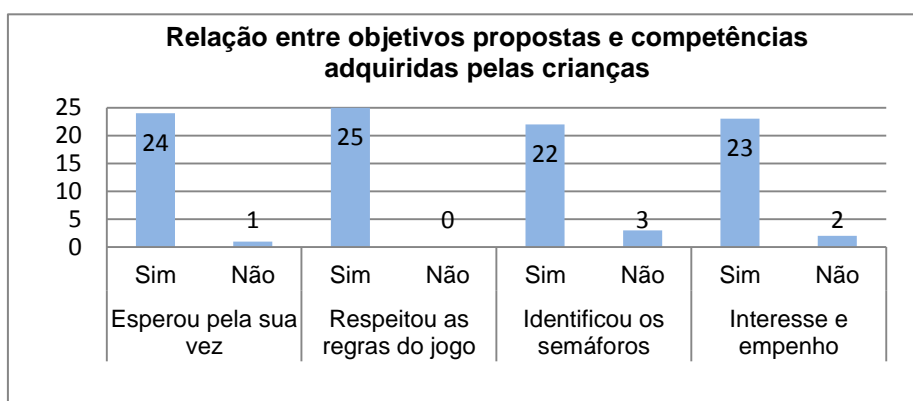


Gráfico 2 – 2.ª Sessão

Na segunda sessão de Expressão Motora, a maioria das crianças alcançou os objetivos estabelecidos. Apenas uma criança não esperou pela sua vez. Estava tão entusiasmada em fazer o exercício, que não queria, por nada, esperar pela sua vez. Todas as crianças respeitaram as regras do jogo, apesar de três destas, na primeira vez, não o terem conseguido realizar. Mas ao repeti-lo conseguiram fazê-lo com sucesso. Três crianças tiveram dificuldade em realizar o Jogo dos Arcos. Isto porque, não sabiam as cores. Duas destas crianças desmotivaram um pouco, por essa mesma razão. Apesar de estarem posteriormente, a serem ajudadas, não foi o suficiente para ficarem mais empenhadas.

Na avaliação realizada no final do dia, o grupo salientou que não só tinha gostado dos jogos, como queria repeti-los. É de referir que todas as crianças mencionaram o momento da Expressão Motora como o seu preferido.

3.ª Sessão

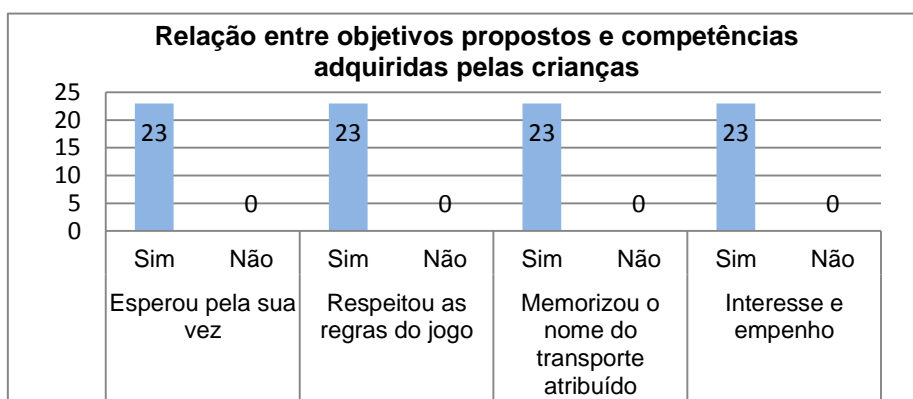


Gráfico 3 – 3.ª Sessão

Última sessão de Expressão Motora com o grupo a realizar os objetivos de uma forma irrepreensível. Como se pode analisar através do gráfico todas as crianças superaram os objetivos propostos. Objetivos esses, que foram sendo trabalhados ao longo das sessões e que as crianças foram assimilando ao longo das mesmas. No momento de avaliação realizado no final do dia, o grupo mostrou-se muito contente e satisfeito pelo momento de Expressão Motora.

Em suma, para mim, deixou-me bastante satisfeita, não desvalorizando em nada o que se passou com as outras atividades realizadas, mas através da Expressão Motora pude satisfazer o grupo e trabalhar outras áreas de conteúdo através desta, principalmente a área da Formação Pessoal e Social. Ficou patente em todas as sessões a alegria das crianças, e igualmente, os objetivos propostos a serem adquiridos. Deste modo, foi possível através da Expressão Motora, que as crianças desenvolvessem/adquirissem regras e valores sociais, conceitos da prevenção de acidentes, estando estas sempre muito interessadas, empenhadas e com um sorriso no rosto.

Assim sendo, e com base na análise e discussão dos dados, os jogos de Expressão Motora, são extremamente importantes para o desenvolvimento da criança, a sua prática progressiva, tanto a nível motor como a nível psicológico e social.

6.2. Análise e discussão dos dados em contexto de 1.º Ciclo

1.ª Sessão

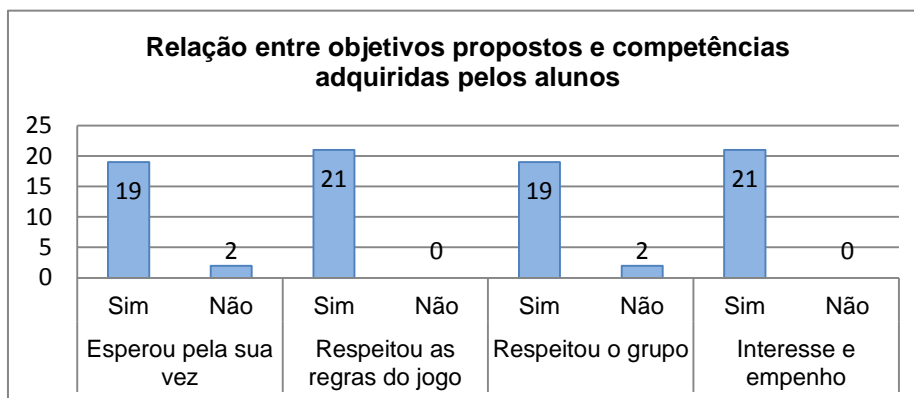


Gráfico 4 – 1.ª Sessão

A primeira sessão de Expressão Físico-Motora foi bastante positiva. Apesar de dois alunos não terem esperado pela sua vez e assim, desrespeitando o grupo é de salientar que foi o único ponto menos conseguido. Queriam tanto ser os primeiros que acabaram por passar à frente dos colegas. No entanto, toda a turma respeitou as regras do jogo, sendo notória a satisfação, na realização dos jogos.

No momento da assembleia de turma, apesar de ter intervindo várias vezes, visto que, a turma não estava a conseguir realizar o debate, ficou patente que gostaram dos jogos e que os objetivos propostos tinham sido cumpridos/adquiridos.

2.ª Sessão

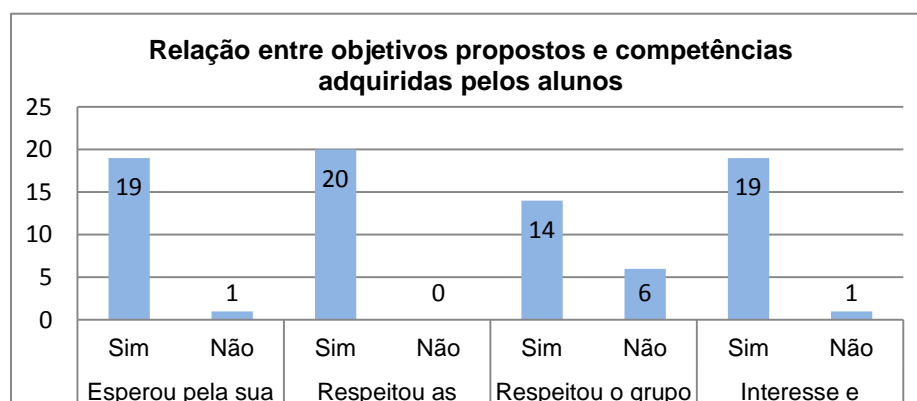


Gráfico 5 – 2.ª Sessão

Na segunda sessão de Expressão Físico-Motora, foi possível analisar que apenas um aluno não esperou pela sua vez. Como queria ganhar começou sempre antes do sinal de partida (Jogo das Estafetas). Mais uma vez todos os alunos respeitaram as regras do jogo. No entanto, relativamente ao respeitar o grupo, os rapazes raramente passaram a bola às raparigas. Tanto no Jogo dos Passes, como no

Jogo do Mata. Apesar de ter referido, após o Jogo dos Passes que todos tinham o direito de jogar e, ter alertado os alunos para jogarem todos entre si, voltou a acontecer o mesmo no Jogo do Mata. Apesar do sucedido, as raparigas mostraram-se empenhadas.

No momento da assembleia de turma, mais uma vez, a turma necessitou que eu perguntasse se todos respeitaram as regras e para darem a sua opinião acerca dos jogos. As raparigas referiram que ficaram um pouco tristes, visto que os rapazes, tanto no Jogo dos Passes, como no Jogo do Mata não lhes passaram a bola. Foi um facto, apesar de ter parado os jogos algumas vezes para os chamar a atenção.

3.ª Sessão

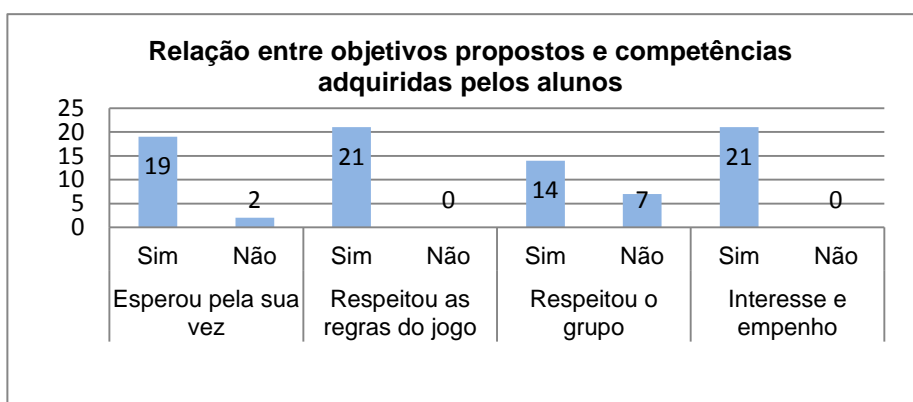


Gráfico 6 – 3.ª Sessão

Terceira sessão de Expressão Físico-Motora com alguns conflitos. Apesar de três dos objetivos terem sido atingidos por quase todos os alunos, apenas dois destes não esperaram pela sua vez. Em relação ao respeitar o grupo, no Jogo do Mata, apenas treze crianças o fez com sucesso. Como foi referido anteriormente, na descrição da atividade, sete alunos, por estarem a perder, começaram a discutir uns com os outros. No então, em reflexão com todo o grupo, os alunos reconheceram que tiveram um comportamento menos adequado.

4.ª Sessão

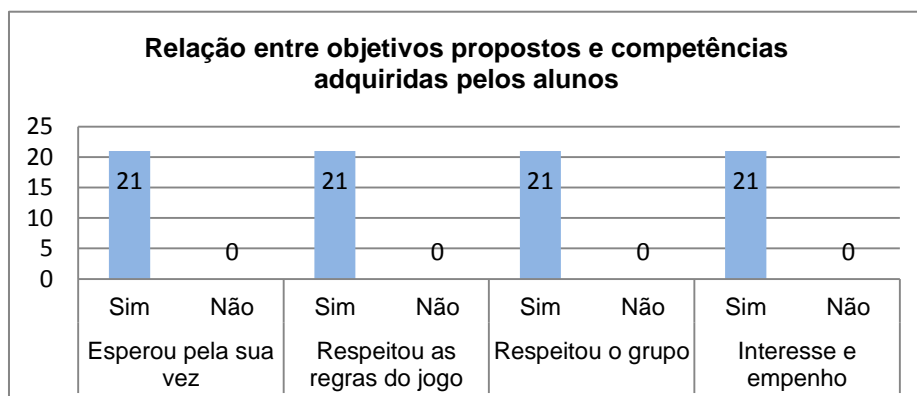


Gráfico 7 – 4.ª Sessão

Quarta e última sessão de Expressão Físico-Motora. Sem dúvida uma sessão fantástica. Como se pode analisar pelo gráfico todos os objetivos foram atingidos pelos alunos. Existiu um grande espírito e entreatura por parte dos alunos. Foi notória a satisfação dos mesmos na realização dos jogos.

Em suma, ao longo das sessões, o grupo foi-se adaptando às regras e a respeitarem-se. Ficou patente, a mudança em sala de aula. Todo o grupo começou a mostrar mais interesse e, aos poucos, foram cumprindo as regras, ganhando maior sentido de responsabilidade e, por sua vez, a terem uma participação mais ativa.

6.3. Opinião das Educadoras sobre *O Papel da Expressão Motora na Educação Pré-Escolar e 1.º Ciclo do Ensino Básico no Desenvolvimento da Formação Pessoal e Social*

Relativamente às entrevistas² realizadas à educadora cooperante e à docente cooperante foram também de grande importância para este estudo. Saber o ponto de vista das mesmas e conhecer, de maneira mais aprofundada, as suas práticas. É de salientar e que pude constatar ao longo das entrevistas, é que ambas consideraram a Expressão Motora importante para a educação das crianças/alunos. No entanto, por um lado a educadora deu bastante ênfase a esta área, explicitando nas diversas questões o porquê de a considerar fundamental para o desenvolvimento das crianças. Por outro lado, a docente respondeu às questões de forma superficial, considerando que a área de Expressão Motora é importante. Em conversa informal, a docente referiu que, muitas vezes, esta área é dada apenas nas AEC's, visto não ter tempo para a lecionar, apesar de a considerar uma área transversal.

Uma das questões colocadas às entrevistadas foi sobre a importância da Expressão Motora e a transversalidade com as restantes áreas de conteúdo. A educadora referiu que, a motricidade é utilizada em quase todas as outras áreas. Menciona ainda que, quando trabalha intencionalmente a área de Expressão Motora, faz com que exista uma articulação e transversalidade com as outras áreas de conteúdo. A docente mencionou especificamente, que utiliza a Expressão Motora para trabalhar domínios da Matemática, principalmente com o 1.º ano.

Outra questão colocada foi, se a partir da Expressão Motora pode-se desenvolver conteúdos da área da Formação Pessoal e Social, especificamente a aquisição de regras e valores sociais e a prevenção de acidentes no Pré-Escolar. No caso do 1.º Ciclo a questão foi idêntica, mas neste caso, somente a aquisição de regras e valores sociais. A educadora frisou que sim, dando alguns exemplos, tais

² Em Anexo B – Guião das entrevistas realizadas à educadora cooperante e à docente cooperante; Em Anexo BB – Transcrição das entrevistas; Em Anexo BC – Documento de validação da entrevista.

como: os mais velhos ajudarem os mais novos; trabalharem em grupo; aprender a perder a ganhar, entre outros. Disse ainda, que existe uma série de valores que podem ser vivenciados através dos jogos de Expressão Motora que depois ajudam as crianças a desenvolverem competências na área da Formação Pessoal e Social. Por fim, salientou que a Expressão Motora é das atividades do Jardim de Infância que desenvolvem muito a capacidade de atenção das crianças, a capacidade de cumprir regras, a capacidade de saber estar com os outros dentro daquilo que são as regras do jogo, dando-lhes, assim competências de organização. Deste modo, para a educadora é uma área fundamental neste aspeto. Relativamente à docente referiu que sim, visto que, para realizarem um jogo, têm que respeitar as regras existentes, levando essas mesmas regras para a sala de aula.

Por fim, relativamente à questão se realizaram alguma atividade neste contexto, a educadora mencionou que sim. Comentou que existe um tempo intencional para a prática de Expressão Motora, desenvolvendo diversas atividades intencionais para o desenvolvimento de competências na área da Formação Pessoal e Social. A docente referiu que a partir do momento em que os alunos estão a realizar um jogo, estão a desenvolver competências na área da Formação Pessoal e Social.

Em jeito de conclusão a educadora frisou que, aquando do momento da Expressão Motora as crianças aderem muito bem, estando sempre à espera da quarta-feira, visto ser o momento da mesma. Salientou que é “giro”, porque eles adquirem também competências de autorregulação da sua aprendizagem. Destacou que através da atividade física as crianças sentem que desenvolvem competências, ganhando autoestima, prazer, que os leva a sentirem-se bem durante esse dia. A docente disse que a atividade física é um momento importante, destacando o facto de existirem pouco materiais na escola para a concretização da mesma.

Parte III – Reflexão Final

1. Considerações Finais

O presente relatório de estágio representa o resultado de um trabalho desenvolvido no âmbito das unidades curriculares da Prática de Ensino Supervisionada em Creche, Educação de Infância-J.I. e 1.º Ciclo do Ensino Básico.

Ao longo deste trabalho, foram apresentadas descrições, relatos e reflexões sobre a prática educativa nos diferentes contextos de estágio, bem como o estudo que me propus a desenvolver, nomeadamente sobre *O Papel da Expressão Motora na Educação Pré-Escolar e no 1.º Ciclo do Ensino Básico no Desenvolvimento da Formação Pessoal e Social*.

Deste modo, foi pertinente refletir sobre todo o percurso realizado e, assim, mencionar algumas conclusões.

Primeiramente, no que respeita aos diferentes estágios, considero que foram fundamentais para a minha formação enquanto futura educadora/professora. A partir destes pude estar em contacto direto com as crianças, conhecer o ambiente escolar e, por sua vez, permitiu-me criar relações educativas (com crianças/alunos, educadores, docentes, cooperantes, ajudantes de ação educativa, entre outros) cada uma com o seu contributo para o meu crescimento enquanto profissional.

Foi durante este período, bem como com o estudo realizado, que se tornou possível colocar em prática os conhecimentos que me foram transmitidos tanto na licenciatura, como no decorrer do mestrado. Sendo assim, durante esta etapa tive a possibilidade de fazer a ligação entre a teoria e a prática, desenvolvendo e melhorando alguns processos primordiais que ocorreram durante a prática educativa, sendo estes a observação, a planificação, a intervenção, a avaliação e a reflexão. Como refere nas OCEPE (1997), a intencionalidade do processo educativo pressupõe observar, planejar, agir, avaliar, comunicar e articular. Deste modo, a partir da observação, tornou-se possível planificar, tendo como ponto de partida as avaliações realizadas anteriormente, planificando tendo em conta os interesses, as necessidades, as competências e atitudes que as crianças/alunos apresentavam naquele momento. Conhecendo as crianças/alunos, permitiu-me ajustar, em diversas situações, as estratégias e metodologias, aos interesses e necessidades das mesmas.

A avaliação, realizada ao longo de todos os estágios, foi fundamental não só para conhecer as crianças/alunos, bem como para entender em que medida a ação educativa estava a ter influência positiva, ou não, na aprendizagem das mesmas. Os instrumentos utilizados, como as grelhas de observação, relatos, fichas de trabalho,

observação direta, registo fotográfico, entre outros, foram essenciais para este processo.

Confesso que, por vezes, foi um percurso difícil, com alguns medos e receios, principalmente no estágio de 1.º Ciclo, devido ao comportamento menos adequado de alguns alunos, ficando nas primeiras semanas insegura. No entanto, ao longo do tempo, essas dificuldades foram sendo ultrapassadas, fazendo-me crescer enquanto pessoa e futura educadora/professora.

No que concerne ao estudo que tive a possibilidade de desenvolver, tendo como principal objetivo perceber em que medida a utilização da área de Expressão Motora é fundamental no desenvolvimento de competências na área de Formação Pessoal e Social, ficou patente que, de acordo com os dados recolhidos, a Expressão Motora tem um papel fundamental para o desenvolvimento de competências na Formação Pessoal e Social.

Através das atividades que coloquei em prática em contexto de Pré-Escolar e 1.º Ciclo pude constatar através dos objetivos propostos que as crianças/alunos alcançaram as competências pretendidas. Em contexto de Pré-Escolar as crianças mostraram-se sempre muitas empenhadas, felizes, com um bom nível de autoestima e confiança, conseguindo apropriarem-se dos objetivos propostos (aquisição de regras e valores sociais e saberes acerca da prevenção de acidentes). Relativamente ao contexto de 1.º Ciclo, ao longo das semanas, existiu uma evolução muito significativa no comportamento dos alunos. Através da atividade física e dos objetivos a atingir (aquisição de regras e valores sociais) os alunos não só atingiram os objetivos, bem como ficou patente a satisfação nesse momento. Ou seja, através da área de Expressão Motora foi possível desenvolver competências sociais nas crianças/alunos e, por sua vez, realizar a transversalidade com outras áreas curriculares, mais concretamente com a área de Formação Pessoal e Social.

Relativamente às entrevistas realizadas, ficou visível a importância que a educadora fez acerca da Expressão Motora e do que, através desta, se pode desenvolver tanto a nível da Formação Pessoal e Social, como nas restantes áreas curriculares. Relativamente ao estágio em 1.º Ciclo, e apesar da docente cooperante na entrevista referir que considera esta área importante e transversal, em conversa informal, referiu que a atividade física, na maioria das vezes, é lecionada apenas nas AEC's, facto também observado, enquanto estagiária, na semana de observação. Segundo Neto (1998, p.29) *as actividades de Expressão Motora (plástica, musical, entre outras) são actividades que fazem parte obrigatório do currículo e, como consequência, devem ser desenvolvidas durante o período normal de escolaridade pelos professores.*

Como limitações deste estudo, aponto a dificuldade em encontrar estudos acerca desta temática, o limite de páginas estabelecido e a pouca experiência na área de investigação.

Considero a pertinência deste estudo como ponto de partida para outros trabalhos a desenvolver, sendo que neste caso, aumentaria o número da dimensão da amostra e, por sua vez, o número de escolas, realizando um estudo a nível do Concelho, para investigar até que ponto a Expressão Motora é desenvolvida e utilizada como área transversal do currículo.

Em suma, considero importante salientar que a Expressão Motora deve ser implementada logo nas primeiras idades, não só porque é uma área que desenvolve capacidades motoras, bem como pode ser uma área transversal às restantes áreas. Cabe assim, ao educador/professor, ter a preocupação em implementar atividades neste sentido, desenvolvendo competências sociais essenciais para a vida da criança/aluno.

Referências Bibliográficas

- Arends, R. (1997). *Aprender a Ensinar*. Alfragide: McGraw-Hill de Portugal, Lda.
- Barata, S. (2014). *A Importância da Afetividade na Relação Pedagógica*. Relatório da Prática Profissional Supervisionada. Mestrado em Educação Pré-Escolar. Lisboa: Instituto Politécnico de Lisboa.
- Brazelton, T. (2013). *O Grande Livro da Criança. O desenvolvimento Emocional e do Comportamento durante os Primeiros Anos*. 13ª Ed. Lisboa: Editorial Presença.
- Carmo, H. & Ferreira, M. (1998). *Metodologia da Investigação: Guia para Auto-aprendizagem*. Lisboa: Universidade Aberta.
- Carvalho, I. & Nunes, L. (2012). *Referencial de Educação Rodoviária para a Educação Pré-Escolar e o Ensino Básico*. Ministério da Educação e Ciência – Direção Geral da Educação.
- Condessa, I. (2009). *(Re) Aprender a Brincar. Da Especificidade à Diversidade*. Ponta Delgada: Universidade dos Açores.
- Cordeiro, M. (2011). *O Grande Livro dos Medos e das Birras*. 1ª Ed. Lisboa: Esfera Livros.
- Coutinho, C., Sousa, A., Dias, A., Bessa, F., Ferreira, Mª & Vieira, S. (2009). *Investigação – Acção: Metodologia Preferencial nas Práticas Educativas*. Psicologia Educação e Cultura, vol.13 (n.º2), pp.455-479.
- Educação, M. (1997). *Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar*. Lisboa: Editorial do Ministério da Educação.
- Educação, M. (2004). *Organização Curricular e Programas do Ensino Básico – 1.º Ciclo*. Lisboa: Editorial do Ministério da Educação.
- Estrela, M. (1994). *Relação Pedagógica, Disciplina e Indisciplina na aula*. 2ª Ed. Porto: Porto Editora.
- Flick, U. (2005). *Métodos Qualitativos na Investigação Científica*. 1ª Ed. Lisboa: Monitor – Projectos e Edições, Lda.
- Fonseca, V. (2005). *Desenvolvimento Psicomotor e Aprendizagem*. Lisboa: Âncora editora.

- Gallahue, D. (2002). *Desenvolvimento Motor e Aquisição da Competência Motora na Educação de Infância*. In B. Spodek (Org.) (2002). *Manual de Investigação em Educação de Infância* (pp. 49-83) Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Garvey, C. (1992). *Brincar*. Lisboa: Edições Salamandra.
- Gouveia, R. (2009). *Dossier: neurodesenvolvimento infantil: As birras da criança*. Revista Portuguesa de Medicina Geral e Familiar, vol. 25 (n.º6), pp.702-705.
- Guimarães, A. (2005). *Contributo para um novo paradigma de intervenção em Educação Física nas Primeiras Idades*. Santarém: Escola Superior de Educação.
- Hellison, D. (2003). *Teaching Personal and Social Responsibility: Through Physical Activity*. 3rd Ed. New Zealand: Human Kinetics.
- Hohmann, M. & Weikart, D. (2007). *Educar a Criança*. 4^a Ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Liublinskaia, A. (1979). *O Desenvolvimento Psíquico da Criança*. Lisboa: Editorial Estampa.
- Marques, A. (2005). *Do Valor Educativo da Competição Desportiva. Razões e Equívocos*. In C. Lírio, E. Silva & A. Cunha (Coord.) (2005). *A Educação pelo Desporto: Perspectivas Europeias* (pp.113-123). Lisboa: Instituto do Desporto de Portugal.
- Miles, B. & Huberman (1994). *Qualitative Data Analysis* (2nd Ed.) Thousand Oaks, California: Sage Publications. In M. Sousa & C. Baptista (2011). *Como fazer Investigação, Dissertações, Teses e Relatórios*. 4^a Ed. Lisboa: Pactor – Edições de Ciências Sociais, Forenses e da Educação.
- Neto, C. (1998). *A Importância do Brincar no Desenvolvimento da Criança: Uma Perspectiva Ecológica*. In I. Condessa (Org.) (2009). *(Re) Aprender a Brincar. Da Especificidade à Diversidade*. (pp.19-35). Ponta Delgada: Universidade dos Açores.
- OCPEB (2004). *Organização Curricular e Programas do Ensino Básico – 1.º Ciclo*. Lisboa: Editorial do Ministério da Educação.
- OCEPE (1997). *Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar*. Lisboa: Editorial do Ministério da Educação.

- Oliveira-Formosinho, J. & Formosinho, J. (2011). *A Perspetiva Pedagógica da Associação Criança: A Pedagogia-em-Participação* In J. Oliveira-Formosinho & R. Gambôa (Org.) (2011). *O Trabalho de Projeto na Pedagogia-em-Participação* (pp.9-45). Porto: Porto Editora.
- Oliveira-Formosinho, J., Kishimoto, T. & Pinazza, M. (Org.) (2007). *Pedagogia (s) da Infância. Dialogando com o Passado. Construindo o Futuro*. São Paulo: Biblioteca Artmed.
- Parente, C. (s.d.). *Observar e Escutar na Creche*. Confederação Nacional das Instituições de Solidariedade (CNIS) Porto: Universidade do Minho.
- Pellegrini, A. & Boyd B. (2002). *O Papel do Jogo no Desenvolvimento da Criança e na Educação de Infância: Questões de Definição e Função*. In B. Spodek (Org.) (2002). *Manual de Investigação em Educação de Infância* (pp.225-264). Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Portugal, G. (s.d.). *Observar e Escutar na Creche*. Confederação Nacional das Instituições de Solidariedade (CNIS). Porto: Universidade do Minho.
- Post, J. & Hohmann, M. (2011). *Educação de Bebés em Infantários – Cuidados e Primeiras Aprendizagens*. 2.ª Ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Rebocho, I. (2012). *A Expressão Musical na Educação Pré-Escolar: Estratégias utilizadas*. Mestrado na Especialidade de Educação Pré-Escolar e Ensino do 1.º Ciclo do Ensino Básico. Beja: Escola Superior de Educação de Beja.
- Rigolet, S. (2009). *Ler Livros e Contar Histórias com as Crianças - Como Formar Leitores Activos e Envolvidos*. Porto: Porto Editora.
- Roldão, M. (2009). *Estratégias de Ensino – O Saber e o Agir do Professor*. V.N. Gaia: Edição Função Manuel Leão.
- Rosas, I. & Meireles-Coelho, C. (2011). *Educação Rodoviária: Estudo de Caso*. Aveiro: Departamento de Educação da Universidade de Aveiro.
- Silva, I. (2013). *Problemas e Dilemas da Avaliação em Educação de Infância*. In M.ª J. Cardona, & C. Guimarães (Coord.) (2012). *Avaliação na Educação de Infância*. 1ª Ed. (pp. 151-170). Viseu: Editora Psicossoma.

Sousa, M. & Baptista, C. (2011). *Como fazer Investigação, Dissertações, Teses e Relatórios*. 4ª Ed. Lisboa: Pactor – Edições de Ciências Sociais, Forenses e da Educação.

Vayer, P. & Trudelle, D. (1999). *Como Aprende a Criança*. Lisboa: Instituto Piaget. Horizontes Pedagógicos.

Zabalza, M. (1994). *Diários de Aula. Contributos para o Estudo dos Dilemas Práticos dos Professores*. Porto: Porto Editora.

Legislação Consultada

Decreto-Lei n.º 43/2007, de 22 de fevereiro, Diário da República, 1.ª série — N.º 38.

Anexos

Anexo A – Grelhas de Observação das sessões de Expressão Motora

Grelha de Observação – 1.ª Sessão de Expressão Motora – Pré-Escolar

Nome	Esperou pela sua vez	Respeitou as regras do jogo	Identificou os sinais de trânsito	Esteve interessado(a) e empenhado(a)
A	X	X	X	X
B	X	X	X	X
C	X	X	X	X
D	X	X	X	X
E	X	X	X	X
F	X	X	X	X
G	X	X	X	X
H	X	X	X	X
I	X	X	X	X
J	X	X	X	X
K	X	X	X	X
L	X	X	X	X
M	X	O	X	X
N	X	X	X	X
O	Faltou			
P	Faltou			
Q	X	X	X	X
R	X	X	X	X
S	X	X	X	X
T	X	X	X	X
U	X	X	X	X
V	X	O	X	X
W	X	O	X	X
X	X	O	X	X
Y	X	X	X	X

Sim – X

Não – O

Grelha de Observação – 2.^a Sessão de Expressão Motora – Pré-Escolar

Nome	Esperou pela sua vez	Respeitou as regras do jogo	Identificou os semáforos	Esteve interessado(a) e empenhado(a)
A	X	X	X	X
B	X	X	X	X
C	X	X	X	X
D	X	X	X	X
E	X	X	X	X
F	X	X	X	X
G	X	X	X	X
H	X	X	X	X
I	X	X	X	X
J	X	X	X	X
K	X	X	X	X
L	X	X	X	X
M	X	X	X	X
N	O	X	O	X
O	X	X	X	X
P	X	X	X	X
Q	X	X	X	X
R	X	X	X	X
S	X	X	X	X
T	X	X	X	X
U	X	X	X	X
V	X	X	X	X
W	X	X	O	O
X	X	X	O	O
Y	X	X	X	X

Sim – X

Não - O

Grelha de Observação – 3.ª Sessão de Expressão Motora – Pré-Escolar

Nome	Esperou pela sua vez	Respeitou as regras do jogo	Memorizou o nome do transporte atribuído	Esteve interessado(a) e empenhado(a)
A	X	X	X	X
B	X	X	X	X
C	X	X	X	X
D	X	X	X	X
E	X	X	X	X
F	X	X	X	X
G	X	X	X	X
H	X	X	X	X
I	X	X	X	X
J	Faltou			
K	X	X	X	X
L	X	X	X	X
M	X	X	X	X
N	X	X	X	X
O	X	X	X	X
P	X	X	X	X
Q	X	X	X	X
R	X	X	X	X
S	X	X	X	X
T	X	X	X	X
U	X	X	X	X
V	X	X	X	X
W	X	X	X	X
X	X	X	X	X
Y	Faltou			

Sim – X

Não - O

Grelha de Observação – 1.º Sessão de Expressão Físico-Motora

Nome	Esperou pela sua vez	Respeitou as regras do jogo	Respeitou o grupo	Esteve interessado e empenhado
A	X	X	X	X
B	X	X	X	X
C	X	X	X	X
D	X	X	X	X
E	O	X	O	X
F	X	X	X	X
G	X	X	X	X
H	X	X	X	X
I	X	X	X	X
J	X	X	X	X
K	X	X	X	X
L	X	X	X	X
M	X	X	X	X
N	X	X	X	X
O	X	X	X	X
P	X	X	X	X
Q	X	X	X	X
R	O	X	O	X
S	X	X	X	X
T	X	X	X	X
U	X	X	X	X

Sim - X

Não – O

Grelha de Observação – 2.ª Sessão de Expressão Físico-Motora

Nome	Esperou pela sua vez	Respeitou as regras do jogo	Respeitou o grupo	Esteve interessado e empenhado
A	X	X	X	X
B	X	X	X	X
C	X	X	X	X
D	X	X	X	X
E	O	X	O	X
F	X	X	O	X
G	X	X	O	X
H	X	X	X	X
I	X	X	O	X
J	X	X	X	X
K	X	X	X	X
L	X	X	X	X
M	X	X	X	X
N	X	X	X	X
O	X	X	X	X
P	X	X	X	O
Q	X	X	X	X
R	Faltou			
S	X	X	O	X
T	X	X	O	X
U	X	X	X	X

Sim - X

Não – O

Grelha de Observação – 3.^a Sessão de Expressão Físico-Motora

Nome	Esperou pela sua vez	Respeitou as regras do jogo	Respeitou o grupo	Esteve interessado e empenhado
A	X	X	X	X
B	X	X	O	X
C	X	X	X	X
D	X	X	X	X
E	O	X	O	X
F	X	X	O	X
G	X	X	O	X
H	X	X	X	X
I	X	X	O	X
J	X	X	X	X
K	X	X	X	X
L	X	X	X	X
M	X	X	X	X
N	X	X	X	X
O	X	X	X	X
P	X	X	X	X
Q	X	X	X	X
R	O	X	O	X
S	X	X	O	X
T	X	X	X	X
U	X	X	X	X

Sim - X

Não – O

Grelha de Observação – 4.^a Sessão de Expressão Físico-Motora

Nome	Esperou pela sua vez	Respeitou as regras do jogo	Respeitou o grupo	Esteve interessado e empenhado
A	X	X	X	X
B	X	X	X	X
C	X	X	X	X
D	X	X	X	X
E	X	X	X	X
F	X	X	X	X
G	X	X	X	X
H	X	X	X	X
I	X	X	X	X
J	X	X	X	X
K	X	X	X	X
L	X	X	X	X
M	X	X	X	X
N	X	X	X	X
O	X	X	X	X
P	X	X	X	X
Q	X	X	X	X
R	X	X	X	X
S	X	X	X	X
T	X	X	X	X
U	X	X	X	X

Sim - X

Não – O

Anexo B – Guiões das Entrevistas

Guião de entrevista Educadora do Pré-Escolar

A entrevista irá ser um complemento à elaboração do meu relatório final no âmbito do Mestrado em Educação Pré-Escolar e 1.º Ciclo do Ensino Básico, da Escola Superior de Educação de Santarém, sobre o tema *O Papel da Expressão Motora em Educação Pré-Escolar e no 1.º Ciclo do Ensino Básico no Desenvolvimento da Formação Pessoal e Social*

Esta entrevista tem como principais objetivos, conhecer e compreender como é explorada a Expressão Motora no Jardim de Infância e no 1.º Ciclo, identificar o papel da Expressão Motora na Formação Pessoal e Social, caraterizar o papel da Expressão Motora como área transversal do currículo e identificar a importância da Expressão Motora no Jardim de Infância e no 1.º Ciclo.

É de salientar que será mantido o anonimato e que os dados recolhidos serão, exclusivamente, utilizados para o devido efeito supracitado.

Objetivos	Categoria	Questões de orientação
<ul style="list-style-type: none">- Conhecer o percurso profissional da entrevistada;- Compreender o que pode influenciar sua prática educativa;- Compreender de forma mais aprofundada as práticas e as formas de pensar da educadora;	Caraterização pessoal	<ul style="list-style-type: none">- Qual é a sua idade?- Qual é o seu tempo de serviço?- Qual a sua Formação académica?- Qual é o seu percurso e situação profissional?- Qual foi o motivo que a levou a ser educadora de Infância?- Costuma participar em ações de formação? (Em caso de resposta afirmativa): Em que áreas?

		<p>- Quais as temáticas que tem vindo a trabalhar nos projetos que já desenvolveu nos Jardins de Infância onde tem trabalhado?</p> <p>- Algum tema tem-lhe merecido maior destaque? Se sim, porquê?</p>
<p>- Compreender como é que a Educadora perspetiva a área das expressões na sua prática pedagógica.</p>	<p>Considerações sobre o Papel das expressões na formação das crianças</p>	<p>- Na sua opinião, qual o papel das expressões no Pré-Escolar?</p>
<p>- Conhecer a opinião da educadora em relação à abordagem da Expressão Motora no Pré-Escolar.</p>	<p>Importância da Expressão Motora no Pré-Escolar</p>	<p>- No que respeita ao domínio da Expressão Motora, em que medida encara este domínio importante para o desenvolvimento e aprendizagem da criança?</p>
<p>- Conhecer a opinião da educadora sobre o papel da Expressão Motora como área transversal do currículo.</p> <p>- Compreender de que forma atividades de</p>	<p>Importância da Expressão Motora como área transversal do currículo.</p>	<p>- Considera o domínio da Expressão Motora importante às restantes áreas? Quais e porquê?</p> <p>- Utiliza o domínio da Expressão Motora como meio interdisciplinar na abordagem dos conteúdos de outras áreas (Expressão e Comunicação, Conhecimento do Mundo, Formação Pessoal e Social.)? Se sim, dê um exemplo.</p> <p>- Com que frequência desenvolve, semanalmente, o</p>

<p>Expressão Motora contribuem para o desenvolvimento da aquisição de atitudes e valores, como também, para a prevenção de acidentes.</p>	<p>Importância da Expressão Motora na área da Formação Pessoal e Social</p>	<p>domínio da Expressão Motora?</p> <ul style="list-style-type: none"> - Considera que a partir da Expressão Motora pode desenvolver conteúdos da área da Formação Pessoal e Social, mais especificamente, a aquisição de regras e valores, como também, a prevenção de acidentes? - Já realizou alguma atividade neste contexto? Se sim, pode descrevê-la/s?
	<p>Questão aberta</p>	<p>- Gostaria de acrescentar alguma informação ou comentar algum aspeto?</p>
<p>Terminar agradecendo a sua participação e contribuição para a investigação.</p>		

Guião de entrevista

Docente de 1.º Ciclo

A entrevista irá ser um complemento à elaboração do meu relatório final no âmbito do Mestrado em Educação Pré-Escolar e 1.º Ciclo do Ensino Básico, da Escola Superior de Educação de Santarém, sobre o tema *O Papel da Expressão Motora em Educação Pré-Escolar e no 1.º Ciclo do Ensino Básico no Desenvolvimento da Formação Pessoal e Social*

Esta entrevista tem como principais objetivos, conhecer e compreender como é explorada a Expressão Motora no Jardim de Infância e no 1.º Ciclo, identificar o papel da Expressão Motora na Formação Pessoal e Social, caracterizar o papel da Expressão Motora como área transversal do currículo e identificar a importância da Expressão Motora no Jardim de Infância e no 1.º Ciclo.

É de salientar que será mantido o anonimato e que os dados recolhidos serão, exclusivamente, utilizados para o devido efeito supracitado.

Objetivos	Categoria	Questões de orientação
<ul style="list-style-type: none">- Conhecer o percurso profissional da entrevistada;- Compreender o que pode influenciar prática educativa da docente;- Compreender de forma mais aprofundada as práticas e as formas de pensar da docente;	Caraterização pessoal	<ul style="list-style-type: none">- Qual é a sua idade?- Qual é o seu tempo de serviço?- Qual a sua Formação académica?- Qual é o seu percurso e situação profissional.- Qual foi o motivo que a levou a ser docente de 1.º Ciclo?- Costuma participar em ações de formação? (Em caso de resposta afirmativa): Em que áreas?

<p>- Compreender como é que a docente perspetiva a área das expressões na sua prática pedagógica.</p>	<p>Considerações sobre o papel das expressões na formação das crianças</p>	<p>- Na sua opinião, qual o papel das expressões no 1.º Ciclo?</p>
<p>- Conhecer a opinião da docente em relação à abordagem da expressão físico-motora no 1.º Ciclo.</p>	<p>Importância da Expressão Físico-Motora no 1.º Ciclo</p>	<p>- No que respeita ao domínio da expressão Físico-Motora, em que medida encara este domínio importante para o desenvolvimento e aprendizagem do aluno?</p>
<p>- Conhecer a opinião da docente sobre o papel da Expressão Físico-Motora como área transversal do currículo.</p> <p>-</p> <p>Compreender de que forma atividades de Expressão Físico-Motora contribuem para o desenvolvimento da aquisição de regras sociais.</p>	<p>Importância da expressão Físico-Motora como área transversal do currículo.</p> <p>Importância da Expressão Físico-Motora na área da Formação Pessoal e</p>	<p>- Considera o domínio da Expressão Físico-Motora importante às restantes áreas? Quais e porquê?</p> <p>- Utiliza o domínio da Expressão Físico-Motora como meio interdisciplinar na abordagem dos conteúdos de outras áreas (Português, Matemática, Estudo do Meio, Formação Pessoal e Social.)? Se sim, dê um exemplo.</p> <p>- Com que frequência desenvolve, semanalmente, o domínio da Expressão Físico-Motora?</p> <p>- Considera que a partir da Expressão Físico-Motora pode desenvolver conteúdos da área da Formação Pessoal e Social, mais especificamente, a aquisição de regras sociais?</p> <p>- Já realizou alguma atividade neste contexto? Se sim, pode descrevê-la/s?</p>

	Social	
	Questão aberta	- Gostaria de acrescentar alguma informação ou comentar algum aspeto?
Terminar agradecendo a sua participação e contribuição para a investigação.		

Anexo BB – Transcrição das Entrevistas

Transcrição da Entrevista à Educadora de Infância

Qual é a sua idade?

- 54 Anos.

Qual é o seu tempo de serviço?

- 34 Anos de serviço.

Qual a sua Formação académica?

- A minha formação académica é assim! Eu tenho, tirei o curso de Educadora de Infância, que na altura dava equivalência a Bacharelato, depois fiz um CESE, que é um curso de estudos superiores especializados, que deu equivalência à licenciatura e fiz o Mestrado em Ciências da Educação, que é a minha formação mais elevada.

Qual é o seu percurso e situação profissional?

- Neste momento a minha situação é que sou Educadora titular de uma turma. Em termos de percurso profissional, durante muitos anos fui Educadora de Infância noutros concelhos, também na rede pública. Houve uns anos, no meio do meu percurso, aí entre o décimo ano e décimo oitavo, estive destacada nos serviços de apoio técnico-pedagógico, mas depois voltei para o Jardim de Infância, onde gosto muito de estar, onde me sinto muito realizada.

Qual foi o motivo que a levou a ser Educadora de Infância?

- Bom! Isso foi um bocadinho por acaso. Não foi assim uma escolha anterior à situação. Eu fiz o 11.º ano numa altura em que se iniciou o ano em que se chamava o ano propedêutico. Ninguém sabia muito bem o que é que era e, por isso eu ao mesmo tempo que fiz esse ano propedêutico com o empenho de ingressar na faculdade, iniciei também, o curso de Educadora de Infância, um pouco até por sugestão dos meus pais. Na altura eu era muito nova, tinha 16 ou 17 anos e depois, pronto. Fiz o 1.º ano de Educadora de Infância e fiz o ano propedêutico ao mesmo tempo, só que depois no final do 1.º ano de Educadora de Infância optei pelo curso e deixei em stand-by o acesso ao Ensino Superior na altura. Pronto, foi um pouco fruto das circunstâncias.

Costuma participar em ações de formação? Pode dar o exemplo de alguma?

- Sim! Nós todos os anos frequentamos ações de formação creditadas. Este ano estamos a fazer uma ação de formação, um tipo círculo de estudos pelo grupo de educadoras com quem trabalho. Está a ser uma formação muito ligada às nossas práticas profissionais, aos nossos contextos de trabalho e, está a ser muito interessante. Está a ser dinamizada por elementos dentro do grupo e, é a formação que eu acredito, que é um pouco a formação mais ligada à prática profissional.

Quais as temáticas que tem vindo a trabalhar nos projetos que já desenvolveu nos Jardins de Infância onde tem trabalhado?

- (Risos) Geralmente os projetos curriculares que eu costumo desenhar para trabalhar com as crianças, tento que abranjam as várias áreas: Formação Pessoal e Social, depois a área de Expressão e Comunicação e a área de Conhecimento do Mundo. Agora, por exemplo, em termos da área da Formação Pessoal e Social, há sempre aquelas dinâmicas que têm a ver com a organização do grupo, a organização cooperativa do grupo, as regras de funcionamento do tempo. Para quê? Eu tento que as crianças participem o mais possível e se apropriem o mais possível, as vezes, utilizando os quadros de presença, outros mapas de tarefas, outras coisas desse tipo. Algumas temáticas de Formação Pessoal e Social, ah sei lá, assim que tem a ver com a amizade, a família, os valores, as emoções. Tentamos abordar essas questões de acordo também com os interesses das crianças. A nível de Expressão e Comunicação, tento dar aquelas noções que também os levem a conseguir estimular o raciocínio e comunicar o que pensam. Faço muitas perguntas. Tento que eles tenham consciência do percurso que estão a viver e que saibam falar sobre eles. Tento que a Expressão e Comunicação também seja um bocadinho usada para desenvolver os projetos do Conhecimento do Mundo, que geralmente têm muito a ver com as questões do planeta terra, do ambiente. Este ano falamos sobre o universo, sobre a germinação. Pronto damos várias temáticas que vão surgindo e que têm a ver com áreas que são do interesse das crianças, os animais, o corpo humano. Todas essas temáticas que depois são trabalhadas a nível das áreas de Expressão e Comunicação.

Na sua opinião, qual o papel das expressões no Pré-Escolar?

- Eu acho que tem um papel fundamental. Para já, eu acho que é assim! A educação pela arte, para mim é das coisas mais interessantes em termos de educação. As Expressões, as várias expressões, a dramática, a motora, a plástica, a musical, todas as expressões, eu acho que são de facto a forma de abordar a nós próprios e à forma como lidamos com os outros e com o mundo. Portanto acho que é um papel primordial em termos do que eu penso sobre a capacidade de eles se exprimirem aquilo que

sentem, de interiorizarem e de explicitarem e de comunicarem com outras aprendizagens que vão fazendo.

Considera o domínio da Expressão Motora importante às restantes áreas?

- Acho! Acho que é assim! No fundo a motricidade é a forma de nós usarmos quase todas as outras áreas. Quando fazemos plástica, a parte motora está muito envolvida, quando fazemos dramática está a parte motora, quando fazemos música, geralmente há a parte motora. Portanto a parte de Expressão Motora está relacionada com todas as outras áreas e, quando as vezes, fazemos intencionalmente Expressão Motora, também vamos buscar o contributo das outras áreas de Expressão. Portanto, há uma articulação e uma transversalidade que está sempre presente na Expressão Motora. Mesmo conteúdos em termos, por exemplo, da Matemática, acho que são muito, ah... geralmente são as formas como as crianças interiorizam os conceitos matemáticos, parte também muito da Expressão Motora. O dentro, o fora, o dar três passos, o andar para trás, andar para a frente, as direções. Todos esses conceitos que, as vezes, têm a ver com conceitos matemáticos, são também passados pela Expressão Motora, como forma de interiorização pessoal e vivenciada dos conceitos mais abstratos.

Utiliza o domínio da Expressão Físico-Motora como meio interdisciplinar na abordagem dos conteúdos de outras áreas (Português, Matemática, Estudo do Meio, Formação Pessoal e Social)?

- Exatamente é mesmo isso! No fundo a Expressão Motora cruza-se com todos os assuntos que estamos a trabalhar nas outras áreas em cada semana. Eu tenho um tempo intencional para fazer Expressão Físico-Motora, que por acaso é as 4^{as} feiras, das 9:00h. as 10:30h., e isso é quase um tempo que nós instituímos como um tempo quase disciplinar devido à importância que damos a essa área. Não só porque eu dou importância, mas também porque os meninos gostam muito desse tempo. E é de facto, se nós perguntarmos o que é que tu gostaste mais esta semana, imensas vezes, eles dizem que foi da ginástica ou da Expressão Físico-Motora, mas eles as vezes dizem da ginástica. Porque eu acho de facto que lhes agrada, que lhes dá prazer, que os diverte. Eu acho que é muito muito importante. Eu acho que é das áreas mais importantes no Jardim de Infância.

Considera que a partir da Expressão Físico-Motora pode desenvolver conteúdos da área da Formação Pessoal e Social?

- Sem dúvida! O ajudarem-se, os mais velhos aos mais pequenos, o trabalharem em grupo, o cooperarem no sentido de levar uma tarefa motor, ou um jogo motor até ao

fim, o aprender a perder, o aprender a ganhar. Portanto, há uma série de valores que podem ser vivenciados através dos jogos de Expressão Físico-Motora que depois os ajudam na área da Formação Pessoal e Social. Até no cuidado com o seu próprio corpo, saber usar o corpo relativamente aos espaços, aos materiais. Eu acho que é muito muito importante!

E relativamente à aquisição de regras e valores e à prevenção de acidentes?

- Pronto, era o que eu dizia. No fundo, é uma aprendizagem um bocado de como proteger o seu corpo e como aprender a dominá-lo, para melhor poder andar no espaço. Depois outra coisa! Aprender a defender-se das situações, acho que é importante. Ah ter mais destreza. Por exemplo, ser capaz de subir, descer, saltar desta maneira, saltar daquela. No fundo são destrezas motoras que eles aprendem, que depois lhes vão facilitar na vida real. A atenção aos sinais, a atenção a situações, a regras que é muito desenvolvido nos jogos motores, e que também, depois lhes dá competências para outras áreas e para terem atenção noutras situações. Ah, eu acho que é das atividades do Jardim de Infância intencionais que desenvolvem muito a capacidade de atenção das crianças, da capacidade de cumprir regras, a capacidade de saber estar com os outros dentro daquilo que são as regras do jogo. Mas também lhes dá competências de organização, por exemplo. Acho que é uma área fundamental neste aspeto.

Já realizou alguma atividade neste contexto? Se sim, pode descrevê-la/s?

- Sim, muitas atividades neste contexto (risos). Enfim, como eu estava a dizer, temos intencionalmente um tempo em cada semana. Depois esse tempo é geralmente organizado, como eles próprios já sabem mais ou menos o esquema, como funciona. É uma parte de aquecimento, onde fazemos grandes movimentos, onde fazemos alguns jogos de atenção ao sinal. Sei lá, eles irem todos a correr e quando há um determinado sinal têm que se pôr numa determinada posição, o que implica, por exemplo, memorizar a posição que foi dita verbalmente e depois traduzi-la pelo corpo. Ah, há portanto uma parte de aquecimento nesse tipo de jogos. E depois há uma parte em que eu, geralmente, faço jogos relacionados com as temáticas que estamos a viver, durante a semana noutras áreas, ou faço jogos de circuitos, por exemplo, terem que fazer percursos com vários obstáculos e esse tipo de coisas, ou faz-se jogos de equipas, que há uma determinada altura em que eles também começam a saber funcionar em equipa, tipo, em estafetas, ou outro tipo de jogos, mas dentro dessa questão de funcionar para a equipa, para o grupo. E depois desses jogos há, geralmente, há uma parte de relaxamento, que é para eles também acalmarem e

descansarem um bocadinho. As vezes são jogos de respiração, de ouvir música, de expressarem o que sentem. Mas de um modo geral, os esquemas que costumo fazer nesse tempo intencional de Expressão Motora têm estas três etapas. Depois há muitos outros jogos que se fazem ao longo da semana. Jogos no recreio, as rodas, as danças. Essas coisas todas também têm a ver com a Expressão Motora. Está sempre muito presente no Jardim. Os materiais que estão no recreio, os baloiços, os escorregas, os pneus. Tudo isso tem a ver muito com a atividade motora. Pronto se calhar mais livre essa, mas a outra mais intencionalizada.

Gostaria de acrescentar alguma informação ou comentar algum aspeto?

- Ah... Eu acho que já disse mais ou menos tudo aquilo que tinha a dizer. Tu tiveste cá a fazer o estágio, sabes que esse tempo era assim. Lembraste como os meninos aderiam muito bem e estavam sempre à espera que fosse a 4.^a feira, porque era o dia da ginástica. E é muito giro, porque eles adquirem também competências de autorregulação da sua aprendizagem. Por exemplo. Nós agora estamos numa fase em que os mais velhos querem fazer o plano para a Expressão Físico-Motora. E às vezes isso é feito com antecedência. Eles programam com a estagiária, ou comigo ou de acordo com quem vai orientar, como é que vai ser o esquema da 4.^a feira em termos de jogos e de coisas. E eles conseguem programar isso e, de uma forma muito correta, percebes. Porque acabam de interiorizar as formas de estar. E portanto eu acho que eles de facto, eles próprios sentem que é qualquer coisa que lhes dá competências que lhes autoestima, que lhes dá prazer, que os leva a sentirem-se bem por esse dia.

Transcrição da Entrevista à Docente do 1.º Ciclo

Qual é a sua idade?

- 43 Anos.

Qual é o seu tempo de serviço?

- 19 Anos de serviço.

Qual a sua Formação académica?

- É a licenciatura em 1.º Ciclo.

Qual é o seu percurso e situação profissional?

- Sempre Professora de 1.º Ciclo, em diversas escolas.

Qual foi o motivo que a levou a ser docente de 1.º Ciclo?

- Por gosto, vocação. Foi sempre a primeira prioridade.

Costuma participar em ações de formação? Pode dar o exemplo de alguma?

- Sim! Ah... Formações promovidas pelo agrupamento, ah que sejam importantes na área. A nível de 1.º Ciclo, ultimamente, tem sido mais na área da informática. Porque temos que fazer tudo através do computador. Tem sido muito *excel*, diário de bordo digital, foi os quadros interativos, um bocado mais nessa área. Mas também já foi de deslexia. Pronto dentro da área de comportamento, a nível do comportamento dos alunos, dentro da área dos alunos e da área do 1.º Ciclo.

Na sua opinião, qual o papel das expressões no 1.º Ciclo?

- É importante, tem..., é um complemento para a área do Português, da Matemática ou do Estudo do Meio, vem sempre complementar estas áreas, ou vem, ou pode ser ao contrário. Pode-se partir da área da Expressão para dar a outra área (Matemática, Português ou Estudo do Meio) (...).

No que respeita ao domínio da Expressão Físico-Motora, em que medida encara este domínio importante para o desenvolvimento e aprendizagem do aluno?

Na Expressão Físico-Motora, utilizo essencialmente no 1.º ano, ah... tipo numa avaliação de diagnóstico. Para fazer um despiste dos alunos com dificuldades de aprendizagem. Porque quando têm dificuldade na corrida, a saltar ao pé-coxinho, no

equilíbrio. Pronto na coordenação motora. Depois se têm dificuldade na motricidade, também vai ter na escrita, se têm dificuldade em compreender as regras dos jogos, também têm dificuldade em compreender as outras noções do Português e da Matemática. Têm dificuldade em concentrar-se na sala, como também têm muita dificuldade em concentrar-se, muitas vezes, nos jogos. Normalmente utilizo isso nas primeiras aulas no 1.º ano, para fazer esse despiste, mas é essencial sempre.

Considera o domínio da Expressão Físico- Motora importante às restantes áreas? Quais e porquê?

- Considero. Aliás quando dou os números, tenho sempre um jogo para fazer. Quando é no 1.º ano e como, ultimamente, tenho tido sempre 1.ºs anos, agora estou mais dentro do programa de 1.º ano, mas faço sempre um jogo com números. Do género, se eu disser um, ficam parados, se eu disser o dois, deitam-se no chão, se eu disser o três, sentam-se, no quatro abraçam-se. Pronto, aproveito sempre a matemática ou os números para fazer também uns jogos.

Utiliza o domínio da Expressão Físico-Motora como meio interdisciplinar na abordagem dos conteúdos de outras áreas (Português, Matemática, Estudo do Meio, Formação Pessoal e Social)? Se sim, dê um exemplo.

- Sim, as vezes técnicas de relaxamento, antes de uma atividade, técnicas de respiração e concentração. Para a consciência fonológica (Português), fazemos o ritmo, os batimentos, com os pés contamos as sílabas.

- Com que frequência desenvolve, semanalmente, o domínio da Expressão Físico-Motora?

- Uma vez por semana.

Considera que a partir da Expressão Físico-Motora pode desenvolver conteúdos da área da Formação Pessoal e Social, mais especificamente, a aquisição de regras sociais?

- Sim, para respeitarem as regras dos jogos têm que saber (...), portanto eles têm que compreender as regras dos jogos, assim como, têm que compreender as regras da sala de aula, e têm que as respeitar (...)

Já realizou alguma atividade neste contexto? Se sim, pode descrevê-la/s?

- Sim (...), quando estão num jogo têm que respeitar a sua vez na fila, respeitar a sua vez de entrar no jogo, ah saber perder também, quando têm que sair do jogo, muitas vezes eles não gostam de perder e sair do jogo e pronto! Saber perder é muito importante!

Gostaria de acrescentar alguma informação ou comentar algum aspeto?

- Ah, pronto! Acho que a Expressão Físico-Motora é importante. É pena que as escolas não tenham mais materiais e mais condições para podermos realizar mais atividades.

Anexo BC – Documento Comprovativo de validação das Entrevistas

Documento comprovativo de validação da entrevista à Educadora de Infância

Declaração

Eu, _____, declaro que valido a entrevista em formato áudio, que me foi realizada pela Tânia Filipa Alves Ribeiro, __/__/__, para a elaboração do seu relatório final no âmbito do Mestrado em Educação Pré-Escolar e 1.º Ciclo do Ensino Básico, sendo preservada a minha identidade.

A Educadora de Infância

Declaração

Eu, _____, declaro que valido a entrevista em formato áudio, que me foi realizada pela Tânia Filipa Alves Ribeiro, no dia __/__/__, para a elaboração do seu relatório final no âmbito do Mestrado em Educação Pré-Escolar e 1.º Ciclo do Ensino Básico, sendo preservada a minha identidade.

A Docente do 1º. Ciclo
